

# CONVERSAS AUTORREGULATÓRIAS SOBRE O ENSINAR E O APRENDER NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

self-regulatory conversations about teaching and learning in  
professional and technological education

Cartas de Gervasáio ao seu Umbigo

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM



INSTITUTO  
FEDERAL  
Amazonas

Tânia Midian Freitas de Souza  
Ana Cláudia Ribeiro de Souza



PROFEPT  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL  
Amazonas

# **Conversas Autorregulatórias sobre o Ensinar e o Aprender na Educação Profissional e Tecnológica**



Self-regulatory Conversations about Teaching and  
Learning in Professional and Technological Education

**TÂNIA MIDIAN FREITAS DE SOUZA  
ANA CLÁUDIA RIBEIRO DE SOUZA**

## AUTORAS

Tânia Midian Freitas de Souza

Ana Cláudia Ribeiro de Souza

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Tânia Midian Freitas de Souza

## IMAGENS

<https://www.canva.com>

## FICHA CATALOGRÁFICA

Márcia Auzier

---

S729c Souza, Tânia Midian de.

Conversas autorregulatórias sobre ensinar e o aprender na educação profissional e tecnológica = Self-regulatory conversations about teaching and learning in professional and technological education . / Tânia Midian de Souza, Ana Cláudia Ribeiro de Souza. – Manaus, 2019.

75 p. : il. color.

Produto Educacional da Dissertação – Conversas autorregulatórias sobre ensinar e o aprender. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2019.

1. Educação profissional. 2. Aprendizagem - autorregulação. 3. Êxito escolar. I. Souza, Ana Cláudia Ribeiro de. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 378.013

# DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

**Origem:** Trabalho de Dissertação " Autorregulação da aprendizagem: um caminho para a permanência e o êxito na educação Profissional e Tecnológica"

**Área de conhecimento:** Ensino.

**Público Alvo:** Professores de Educação profissional e Tecnológica Técnica de Nível Médio.

**Nível de Ensino:** Educação Profissional e Tecnológica - EPT.

**Categoria:** Formação Continuada de Professores.

**Finalidade:** Oportunizar aos docentes conhecimentos a respeito da Autorregulação da Aprendizagem -ARA, na perspectiva do incremento de práticas docentes potencializadoras da permanência e do êxito na EPT.

**Organização:** Curso de Formação Continuada de Professores desenvolvido em Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, que trata da Autorregulação da Aprendizagem - ARA e a prática docente. Organiza-se em 4 ciclos: o primeiro, objetiva a ambientação do participante ao AVA; o segundo, apresenta concepções preliminares sobre a ARA; o terceiro, versa sobre as implicações da ARA no contexto educativo e o quarto, analisa as contribuições da ARA para a prática docente.

**Registro:** Biblioteca Paulo Sarmento, do IFAM - Campus Manaus Centro, 2019.

**Avaliação:** 7 (sete) participantes do Curso de Formação Continuada de Professores e 3 (três) professores professores que compuseram a Banca de Defesa da Dissertação.

**Disponibilidade:** Irrestrita, preservando-se os direitos autorais, não sendo permitido uso ou reprodução para fins comerciais.

**Divulgação:** Por meio digital.

**Instituição Envolvida:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas -IFAM.

**URL:** <http://www2.ifam.edu.br/profept>

**Idioma:** Português.

**Cidade:** Manaus.

**País:** Brasil.

**Ano:** 2019.

# RESUMO

Conversas autorregulatórias sobre o ensinar e o aprender na Educação Profissional e Tecnológica é um produto educacional vinculado à pesquisa de mestrado intitulada "Autorregulação da Aprendizagem: um caminho para a permanência e o êxito na Educação Profissional e Tecnológica", desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - PROFEPT. Trata-se de curso on-line, de formação continuada de professores, fundamentado essencialmente, no constructo da Autorregulação da Aprendizagem - ARA como estratégia para a promoção da permanência e do êxito escolar na Educação Profissional e Tecnológica. Delineado a partir da concepção dialógica-problematizadora como possibilitadora de teorizações e reflexões, o curso foi pensado como um ciclo de conversas sobre o ensinar e o aprender em que os interlocutores - pesquisadora e sujeitos - encontram-se em processo permanente de diálogo e reflexão, estruturados a partir de eixos temáticos, chamados de ciclos, que abordam os pressupostos teóricos da ARA, suas implicações no contexto educativo e as possíveis contribuições para a prática docente.

**Palavras-chave:** Autorregulação da Aprendizagem. Êxito Escolar. Educação Profissional e Tecnológica.

# ABSTRACT

Self-regulatory conversations about teaching and learning in Professional and Technological Education is an educational product linked to the master's research entitled "Self-Regulation of Learning: a path to permanence and success in Professional and Technological Education", developed under the Master's Program in Professional and Technological Education in National Network - PROFEPT. It is an online course, of continuing education for teachers, based essentially on the construct of Self-Regulation of Learning - ARA as a strategy for the promotion of permanence and academic success in Professional and Technological Education. Outlined from the dialogical-problematizing conception as enabling theorizations and reflections, the course was thought as a cycle of conversations about teaching and learning in which the interlocutors - researcher and subjects - are in a permanent process of dialogue and reflection, structured from thematic axes, called cycles, which address the theoretical assumptions of ARA, its implications in the educational context and possible contributions to teaching practice.

**Keywords:** Self-regulation of Learning. School Success. Professional and Technological Education.

# ÍNDICE

CONVERSAS AUTORREGULATÓRIAS SOBRE O ENSINAR E O APRENDER NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

08

Apresentação

10

Abrindo a pauta

11

Preliminares

13

Plano da formação

15

Ciclo 1 - Ambientação

18

Ciclo 2 - Autorregulação da Aprendizagem:  
fundamentos teóricos

41

Ciclo 3 - Implicações no contexto educativo

53

Ciclo 4 - Contribuição para a prática docente

69

Considerações finais

71

Referências

# APRESENTAÇÃO




O produto educacional que ora se apresenta, originou-se das reflexões proporcionadas pelas questões que norteiam a pesquisa de mestrado, a qual este produto está vinculado, intitulada "Autorregulação da Aprendizagem: um caminho para a permanência e o êxito na Educação Profissional e Tecnológica": como promover na Educação Profissional e Tecnológica - EPT uma prática pedagógica que integra saberes? Que favoreça o papel ativo do aluno em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe a permanência e o êxito escolar?

Partindo dessas formulações e do conhecimento sobre as concepções da Autorregulação da Aprendizagem - ARA, adquiridos em um curso de pós-graduação, entendemos como possível a articulação entre as proposituras da ARA e a prática docente propositiva da educação humana integral, um dos eixos fundantes da EPT. Essa intercessão define-se pela concepção de homem postulada por Bandura (1986), criador da Teoria Social Cognitiva - TSC sob a qual se assentam os fundamentos da Autorregulação da Aprendizagem.

Para Bandura, ao homem é dado o papel de agente, podendo com seus atos influenciar os acontecimentos e se envolver de forma proativa em seu próprio desenvolvimento. Nessa perspectiva, o professor torna-se sujeito de sua prática, como deve ser o aluno sujeito de sua aprendizagem.

A esse respeito Rosário (2004, p.11) assinala que todos devem ser ativos e é importante ao professor o conhecimento das estratégias de aprendizagem e que as utilize dentro e fora da escola. Se os alunos pensam sobre e entendem o processo de estudar, isso facilitará o sucesso não só na escola, mas também na vida, pois "não aprendemos quando nos ensinam ou quando escutamos, mas sim quando adaptamos, quando recriamos esses significados. Aprender é sempre um trabalho do autor".



Diante de tais considerações, a compreensão de que a ARA tinha uma contribuição importante para o desenvolvimento de práticas docentes contextualizadas às bases conceituais da EPT, em especial ao desenvolvimento da formação humana integral, tomou forma: um curso de formação continuada para os professores sobre os princípios Autorregulação da Aprendizagem como um caminho para a permanência e o êxito do aluno na Educação Profissional e Tecnológica.

O curso foi pensado como um ciclo de conversas sobre o ensinar e o aprender de modo que o participante encontre-se em processo permanente de diálogo e reflexão, conseqüentemente, de aprendizagem. Cada ciclo apresenta a ARA a partir de uma perspectiva: i) os fundamentos teóricos; ii) o contexto educativo e iii) a prática docente. Um curso de pequena duração com carga horária de 30h.

Questões problematizadoras permitem ao docente, o exercício da metacognição em uma dupla vertente: de quem ensina e de quem aprende. O resultado ilustra-se nos recortes das falas dos participantes da pesquisa, identificados por nomes de pássaros, que abrem os ciclos temáticos ou ainda, se entremeiam no corpo do texto.

Desenvolvido na plataforma Moodle, o curso em sua versão impressa, necessitou de adaptações que não fugiram à concepção metodológica que o caracteriza: a dialogicidade. A versão on-line configura-se nos padrões e formatos disponíveis e pode ser acessada pelo link abaixo, com o perfil de visitante e senha ifam2019.

<http://novomoodle.ifam.edu.br:13000/moodle/course/view.php?id=2323>

A elaboração e validação desse produto educacional estão em consonância com as orientações encontradas na literatura disponível sobre a questão.

**As autoras.**

# Abrindo a pauta

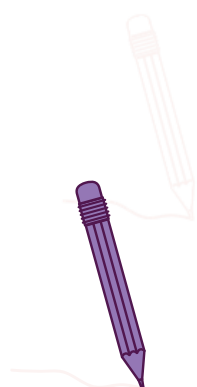
Será que sua curiosidade foi aguçada? Conheça os tópicos que serão abordados nos nossos ciclos de conversa:



um programa pessoal de estudos, de modo que possa conduzi-lo para o pleno acompanhamento das propostas que cada ciclo oferece.  
reflexiva, estabelecer links com a sua realidade para que, ao longo do processo, possa (re)significar os conhecimentos adquiridos e viabilizar a aplicação das ideias.

## TENHA EM MENTE

### ESSES PONTOS:



Permita-se a autorreflexão!

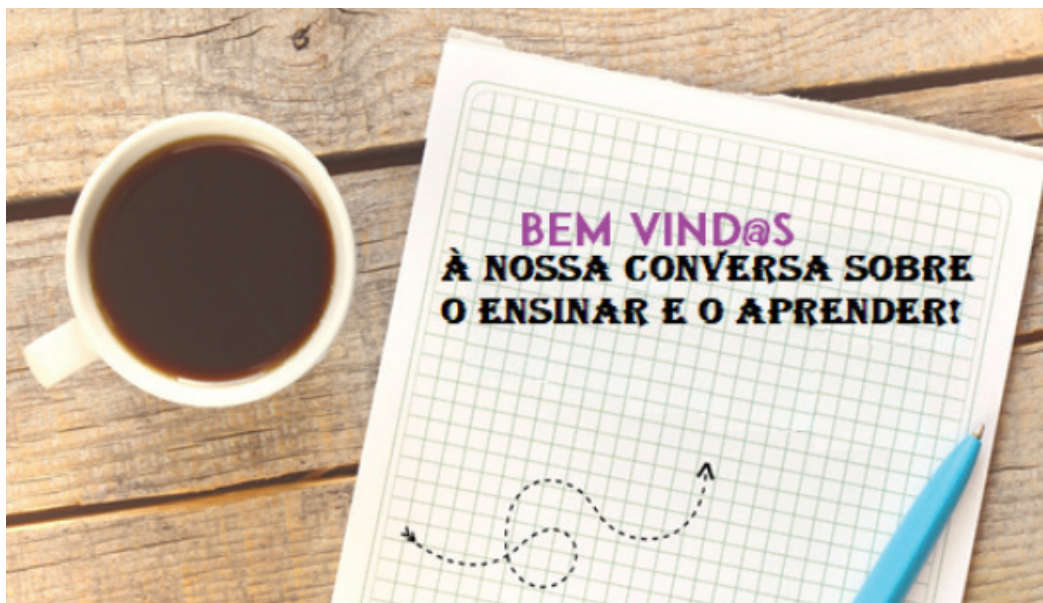


Curiosidade? Não pode faltar!



motivação é fundamental para permanecer na caminhada. Cuide dela!

# Preliminares



Esse momento de formação foi pensado de modo que você possa:

**Encontrar**

**Usar**

**Compartilhar**

**Adaptar**

**conhecimentos, ideias, experiências, percepções que favoreçam sua prática docente.**

No plano de formação, constam informações sobre os conteúdos e atividades a serem desenvolvidos, bem como os objetivos almejados. Os roteiros de estudos foram propostos como orientação quanto aos caminhos a serem percorridos para a consecução dos objetivos, mas sinta-se livre para delinear seu próprio percurso formativo.

# Preliminares

## PARTICIPE, DOS FÓRUMS DE DISCUSSÕES!

O Fórum é a nossa ferramenta dialógica. Compartilhe suas experiências, conte suas histórias, questione, diga o que pensa, o que sente. Sem ela, não haverá conversa. Os roteiros de aprendizagens o orientarão sobre como e quando participar.

Pense o quanto podemos aprender e ensinar ao compartilhar nossos saberes.



## GESTÃO DO TEMPO

A formação foi desenvolvida de modo que os ciclos apresentem conteúdos independentes, mas complementares, assim o roteiro de estudos também foi organizado segundo essa lógica. Gestão do tempo é imprescindível para o cumprimento das tarefas



# PLANO DE FORMAÇÃO

## Conversas autorregulatórias sobre o ensinar e o aprender na Educação Profissional e Tecnológica

### Formação Continuada de Professores

CARGA HORÁRIA: 30H

#### EMENTA:

Conceito de autorregulação da aprendizagem. Os processos autorregulatórios. Contribuição da Teoria Social Cognitiva (TSG). O contexto educativo. Os programas de autorregulação da aprendizagem. Implicações para a prática docente.

#### OBJETIVO GERAL:

Oportunizar aos professores que atuam na Educação Profissional e Tecnológica - EPT, formação continuada, com vistas à promoção dos princípios de Autorregulação da Aprendizagem, na construção de estratégias de ensino, que contribuam para a permanência e o êxito na EPT.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Apresentar os principais fundamentos teóricos da Autorregulação da Aprendizagem - ARA, a partir da Teoria Social Cognitiva;
2. Abordar as contribuições da ARA para o êxito escolar;
3. Refletir sobre os processos autorregulatórios da aprendizagem e as implicações no ensinar e no aprender.

#### PROGRAMAÇÃO CICLO 1:



##### AMBIENTAÇÃO

- Apresentação da formação;
- Plano de Formação;

#### ATIVIDADES:



- Participação no fórum de discussão 1: "Minha história, sua história, nossas histórias".

#### RECURSOS:



- Fórum de discussão;
- Fórum de dúvidas;
- Textos em PDF.

## PROGRAMAÇÃO CICLO 2:



### FUNDAMENTOS DA AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM (ARA)

- Apontamentos preliminares;
- As contribuições da Teoria Social Cognitiva (TSG):
  - a) o sujeito que aprende;
  - b) motivação e crenças de autoeficácia;
  - c) o modelo PLEA.

## ATIVIDADES:



- Registro no diário: Eu, o estudante;
- Participação no fórum de discussão 2: ARA em foco;
- Autoavaliação.

## RECURSOS:



- Roteiro de estudos 1;
- Textos em PDF;
- vídeo: A importância da ARA;
- vídeo: Agência humana;
- Diário de formação;
- Fórum de discussão;
- Fórum de dúvidas.

## PROGRAMAÇÃO CICLO 3:



### IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO EDUCATIVO

- Os programas de promoção da ARA;
- Infusão curricular;
- Mediação pedagógica e o papel do professor.

## ATIVIDADES:



- Participação no Fórum de discussão 3:  
Relações entre ARA e o aprender a aprender;
- Autoavaliação: Eu o(a) professor(a).

## RECURSOS:



- Roteiro de estudos 2;
- Textos em PDF;
- Vídeo 3: Aprender a aprender;
- Fórum de discussão;
- Fórum de dúvidas;
- Diário de formação.

## PROGRAMAÇÃO CICLO 4:



### CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

- As Cartas de Gervásio ao seu Umbigo;
- O êxito escolar e a EPT;
- Implicações no ensinar e no aprender.

## ATIVIDADES:

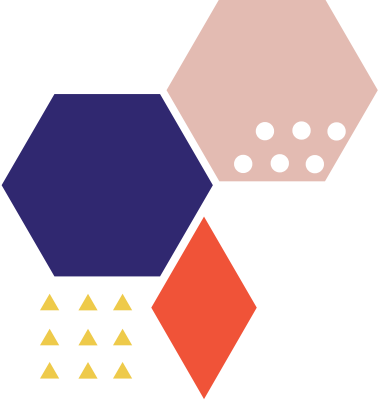


- Participação no fórum de discussão 4:  
ARA e a infusão curricular;
- Registro no diário de formação 4: O que as cartas me dizem;
- Autoavaliação: Eu e meu umbigo;
- Avaliação da formação.

## RECURSOS:



- Roteiro de estudos 3;
- Textos em PDF;
- Fórum de discussão;
- Fórum de dúvidas;
- Diário de formação.



# Ciclo 1

## AMBIENTAÇÃO

### 1 O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM - AVA

Como início desse caminho formativo, temos o ciclo Ambientação que integra a versão on-line do produto. Sendo está a versão impressa, um ciclo de ambientação parece desnecessário. Contudo, a experiência com o AVA ainda é uma novidade para muitos e essa é uma oportunidade de tê-la, caso deseje. Use o link, o perfil e a senha informados no tópico apresentação deste produto. A Figura 1 ilustra a interface do curso no ambiente virtual.

A Figura 1 - Interface do curso de Formação de Professores no AVA

Página inicial > Meus cursos > UAB > Formação Continuada de Professores

De:

**NAVEGAÇÃO**

- Página inicial
- Painel
- Páginas do site
- Meus cursos
  - UAB
    - PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
    - Formação Continuada de Professores**
      - Participantes
      - Emblemas
      - Competências
      - Notas
      - Geral: Ciclo de conversas sobre o ensinar e o apr...
      - Ciclo I
      - Ciclo II
      - Ciclo III
      - Ciclo IV

**Geral: Conversas autorregulatórias sobre o ensinar e o aprender na Educação Profissional e Tecnológica**

**Autorregulação da aprendizagem e o êxito na EPT**

Período de 18/07 a 31/08/2019

- Fórum de aproximação
- Fórum de Dúvidas

Fonte: Versão on-line do Produto Educacional, 2019

O ciclo ambientação objetiva levá-lo a conhecer nossas ferramentas de trabalho no Moodle: o fórum e o diário. Essas são ferramentas de comunicação assíncronas, utilizadas na comunicação que não acontece no tempo real. Emissor e receptor não se comunicam ao mesmo tempo. Explore o ambiente. Acesse o fórum de boas vindas, de dúvidas, o plano da formação. É importante que se situe no espaço da sala virtual. Feitas as aproximações, que tal nos conhecermos um pouco Mais? Acesse o



### Fórum de discussão 1: **MINHA HISTÓRIA, SUA HISTÓRIA, NOSSAS HISTÓRIAS**

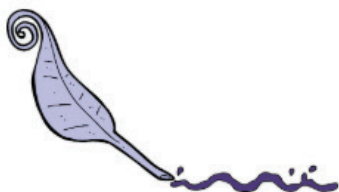
e compartilhe sua história: sobre seu trabalho, suas práticas, as crenças que dão sentido ao seu fazer, conforme orientações expressas na Figura 2. Essa atividade é para familiaridade com as ferramentas do Moodle, como explicado, mas nada impede que a proposta seja aplicada a uma roda de conversa com os colegas. Quantas histórias maravilhosas poderia conhecer. Quer tentar? Fica a sugestão.

Figura 2 - Orientações sobre o fórum de discussão 1

#### **Todos têm algo a contar. Uma história a ser dita.**

Eu, por exemplo, atuo na Educação Profissional Tecnológica - EPT há 24 anos. Sou servidora do *Campus* Manaus Centro e ministro as disciplinas Conhecimentos Sociolinguísticos , Relações Interpessoais e Psicologia da comunicação para alguns dos cursos de graduação. Creio na educação para a transformação social promovendo a agência dos sujeitos (docentes e discentes) na promoção de uma educação que integra saberes, que não se distância da compreensão dos fenômenos sociais subjacentes, que reconhece o impacto do que se ensina e de como se ensina, na vida dos alunos.

#### **Agora é a sua vez!**



Compartilhe um pouco de sua jornada na EPT: tempo de atuação, disciplina(s) que ministra, que conceito(s) de educação norteiam sua prática docente.

Fonte: Versão on-line do Produto Educacional, 2019

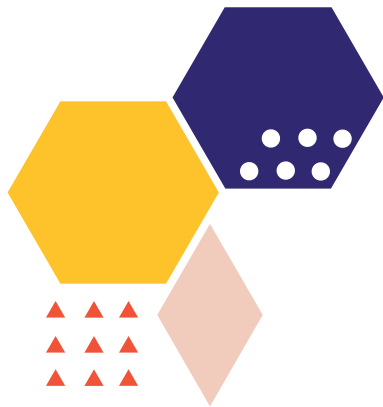
## CAMINHANTE

“

Tudo passa e tudo fica...  
Caminhante, são tuas pegadas  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
se faz caminho ao caminhar...

”

ANTÔNIO MACHADO



# Ciclo 2

## 2 AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

---

### Roteiro de estudos 01

#### Descrição

Este é nosso primeiro roteiro de estudos, que se apresenta como um instrumento de orientação no trato dos conteúdos e atividades propostos, contudo, segui-lo é uma decisão sua. Pode traçar seu próprio percurso formativo. Ao realizar as leituras ou assistir aos vídeos, anote o que considerou importante, questionamentos que por ventura surgirem, etc. Isso incrementará sua participação no fórum de discussões.

#### Roteiro de estudo e atividades

1. Inicie pelo registro no diário de bordo sobre seus processos de aprendizagem: questionário - Eu, o estudante;
2. Realize a leitura do material: ARA – apontamento preliminares.
3. Assista ao vídeo 1: A importância da ARA.
4. Realize a leitura do material: Contribuições da Teoria Social Cognitiva -TSC e em seguida, assista ao vídeo 2: Agência humana.
5. Participe do fórum de discussão 2: ARA em foco.

#### Autoavaliação

Registre no Diário de Formação 1, suas aprendizagens/percepções, tendo em vista a seguinte questão: percebo-me como sujeito que se utiliza de estratégias autorregulatórias no processo de minha aprendizagem ou mesmos em outras situações da minha vida? Sinta-se livre para introduzir outras reflexões sobre o tema.

E vamos nessa, caminhante!



## Diário de bordo QUESTIONÁRIO - EU, O ESTUDANTE

acesse a versão on-line ou utilize  
uma agenda como seu diário.

Antes de adentrarmos nos caminhos da Autorregulação da Aprendizagem, pense um pouco em quem é você enquanto aprendente. Considerando que a formação profissional é um processo contínuo, podemos dizer que fomos, somos e seremos estudantes ao longo da vida. Então, colocando-se nessa vertente, reflita um pouco sobre seus processos de aprendizagem respondendo anotando em seu diário respostas a essas questões:

1. Costuma planejar suas ações antes de iniciar um estudo/projeto/trabalho, pensando no que vai fazer e no que será preciso para completá-lo?
2. Um aspecto fundamental no estudo é a organização e gestão do tempo. Como costuma fazer a gestão do seu tempo: elabora um cronograma de estudos com horários definidos ou costuma ser mais flexível na realização das tarefas, deixando espaço para a improvisação, evitando a rigidez e o estresse?
3. Confia que alcançará sempre o êxito, a despeito de qualquer adversidade?
4. Para evitar a procrastinação, isto é, adiar as tarefas de estudo para mais tarde, o que costuma fazer? Como exemplos: recompensar a si mesmo no caso de conseguir acabar a tarefa dentro do prazo; Dividir uma tarefa complexa em pequenas metas e distribuir o tempo para cada uma; Tentar motivar-se com outras coisas (ir tomar café, conversar na internet...) e realizar a tarefa depois, dentre outras.
5. Que estratégias de estudos costuma adotar: faz anotações relevantes, sublinha ideias principais, elabora questões, resume textos, reescreve os conteúdos para memorizá-los, consulta colegas, professores caso necessite de ajuda em algum conteúdo?
6. Como costuma se preparar para as avaliações: estuda com bastante antecedência, revisa os conteúdos, estuda de véspera para lembrar do conteúdo?
7. Enquanto estuda, pensa em coisas/ações concretas que precisa/pode mudar no seu comportamento ou no ambiente para atingir seus objetivos? O que?
8. Observa e trata as situações que contribuíram para que os seus objetivos de estudos não tivessem sido alcançados?
9. Após o resultado de avaliações, costuma verificar no que não se saiu bem, fazendo as correções necessárias e buscando melhorar?

## 2.1 AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM: APONTAMENTOS PRELIMINARES

Quero lhes apresentar a Conceição. É estudante e no momento está concluindo uma apresentação para defesa de um projeto e ao mesmo tempo estudando para as provas do trimestre. Em seu planejamento de estudo, registrou, não apenas os dias das referidas avaliações, mas também, o tempo necessário para preparar-se, levando em consideração a complexidade dos conteúdos e seu interesse pelas diferentes disciplinas. Embora, seja focada em seus estudos, Conceição por vezes, se distrai com pensamentos que a afastam da tarefa e principalmente, com o "zap", então durante o estudo, mantém-se longe do celular.

Como técnica de estudo, primeiro faz o reconhecimento do conteúdo: apontamentos das aulas, registrando o nível de dificuldade. Em seguida, avança para leitura dos textos, anotando as ideias principais e sublinhando os conteúdos que julga relevantes. Organiza os tópicos identificados e vai encadeando as ideias principais. Quando encontra uma passagem mais complicada, lê e relê até fazer sentido, tentando exemplificar os conteúdos que está estudando. Busca identificar e compreender os argumentos apresentados pelo autor para fundamentar as ideias por ele defendidas. Assim, faz muitas perguntas durante a leitura e tenta construir respostas para as mesmas.

Costuma fazer pausas regulares para o descanso, a fim de não deixar o cansaço dominá-la. Os intervalos são fatiados por etapas. De vez em quando, monitoriza os seus progressos e se necessário, muda algumas das estratégias de aprendizagem utilizadas até então, ou o local de estudo. Face às dificuldades, pede ajuda (aos professores, colegas, familiares) para esclarecer dúvidas ou para saber como é que os colegas resolveram as questões difíceis, selecionando as estratégias que a podem ajudar a alcançar os seus objetivos.

Nas revisões, procura na internet questões de provas sobre os conteúdos e tenta resolvê-las. Se possível, discute com colegas alguns resultados, estratégias seguidas na resolução dos problemas ou as suas ideias sobre as disciplinas estudadas.

**( Adaptado de Cartas de Gervásio ao seu Umbigo (2017), p.118.**





No repertório de estudos da Conceição, podemos identificar quatro aspectos determinantes da sua proficiência no estudo: i) possui um ideia definida e esclarecida de seus objetivos, ii) tem consciência dos obstáculos que podem dificultar sua aprendizagem, iii) utiliza, intencionalmente, estratégias de aprendizagem para atingir os seus objetivos, iv) exercita ao longo de seu trabalho, o controle sobre seus afetos e cognições. Que reflexões sobre a competência autorregulatória de Conceição podemos fazer?

Segundo Zimmerman (1989), a autorregulação da aprendizagem é um processo de autodirecionamento, pelo qual o aluno transforma sua aptidão mental em competência acadêmica. Neste sentido, ativam, alteram e sustentam estratégias de aprendizagem em contexto. encaram a aprendizagem como uma atividade que desenvolvem proativamente, envolvendo processos de autoiniciativa motivacional, comportamental e metacognitivas, mais do que processos reativos desencadeados por reação ao ensino.

Zimmerman ainda enfatiza que a capacidade de se autorregular é inata (todos têm essa capacidade). Todos utilizam estratégias e mobilizam sua cognição, emoção e o seu comportamento para alcançar metas. Mas nem sempre isso se dá de maneira consciente. A falta de consciência em relação à capacidade de autorregular o próprio comportamento gera dificuldades para o aprimoramento das estratégias de ação, resultando em potenciais problemas de desempenho.

## Tópicos importantes sobre a autorregulação da aprendizagem

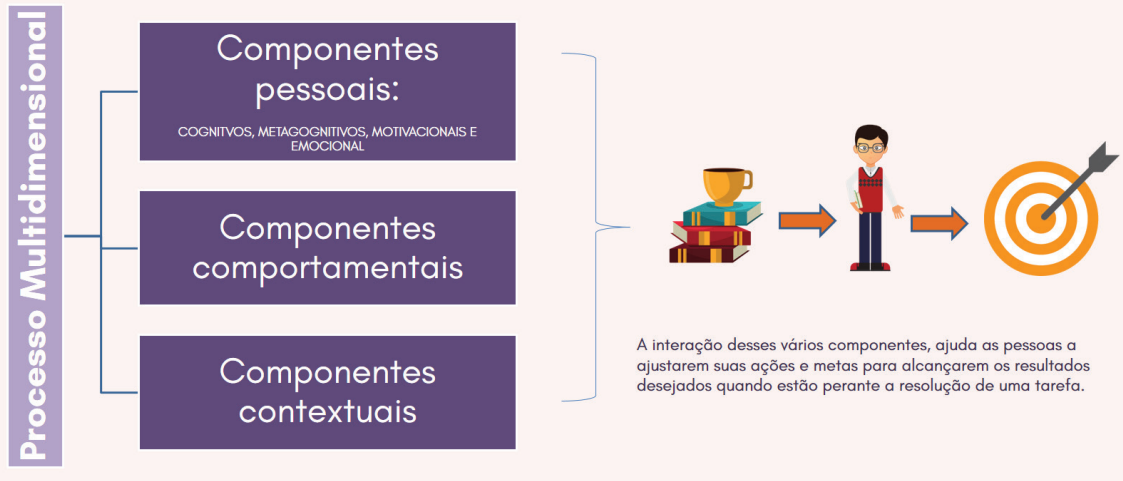
É um forma específica de aprendizagem que pode ser distinguida da aprendizagem que é regulada externamente

A aprendizagem autorregulada pressupõe um modelo dinâmico de aquisição do conhecimento com interação dos recursos cognitivos, motivacionais e emocionais (Weinstein, Husman & Dierking, 2000; Rosário et al., 2008);

Todos os alunos são passíveis de autorregular os seus processos de aprendizagem, ou seja, de atingir determinados objetivos; todos são capazes de desenvolver determinados comportamentos de acordo com a especificidade dos contextos de aprendizagem.

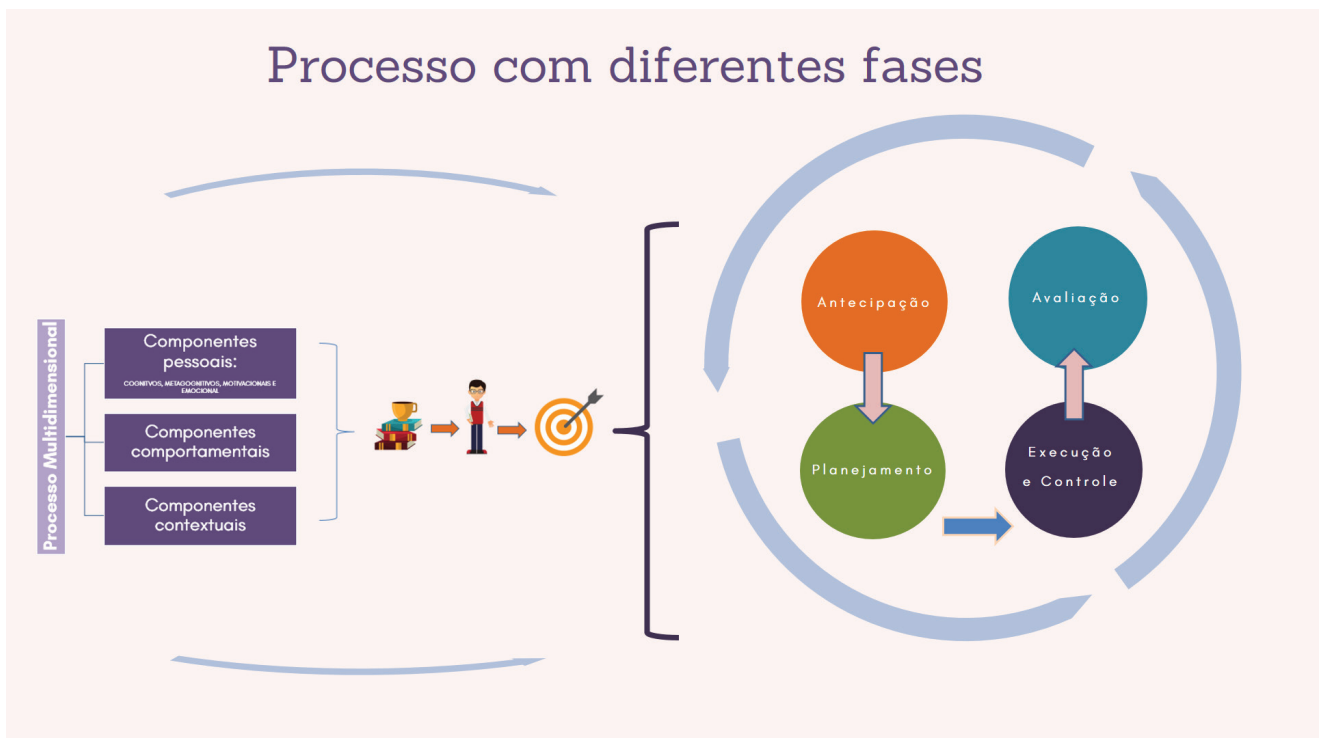


É portanto, um processo multidimensional e que envolve vários componentes.



Para um estudante ser autorregulado, tem que ser antes de mais nada, um participante ativo no seu próprio processo de aprendizagem, através dos recursos fornecidos pelos diferentes componentes.

A Aprendizagem Autorregulada “processa-se através de diferentes fases, ao mesmo tempo que os diferentes componentes atuam sobre estas, influenciando-as” (ZIMMERMAN, 2000).





## 1a. Fase: antecipação e definição de objetivos

É o momento da apreciação da tarefa que se vai executar. Esta fase é influenciada pelas estratégias cognitivas e metacognitivas, bem como pelas crenças motivacionais, de autoeficácia e as expectativas de resultados. Todos esses pensamentos e motivações vão influenciar os processos psicológicos que conduzem ao estabelecimento de objetivos da aprendizagem.



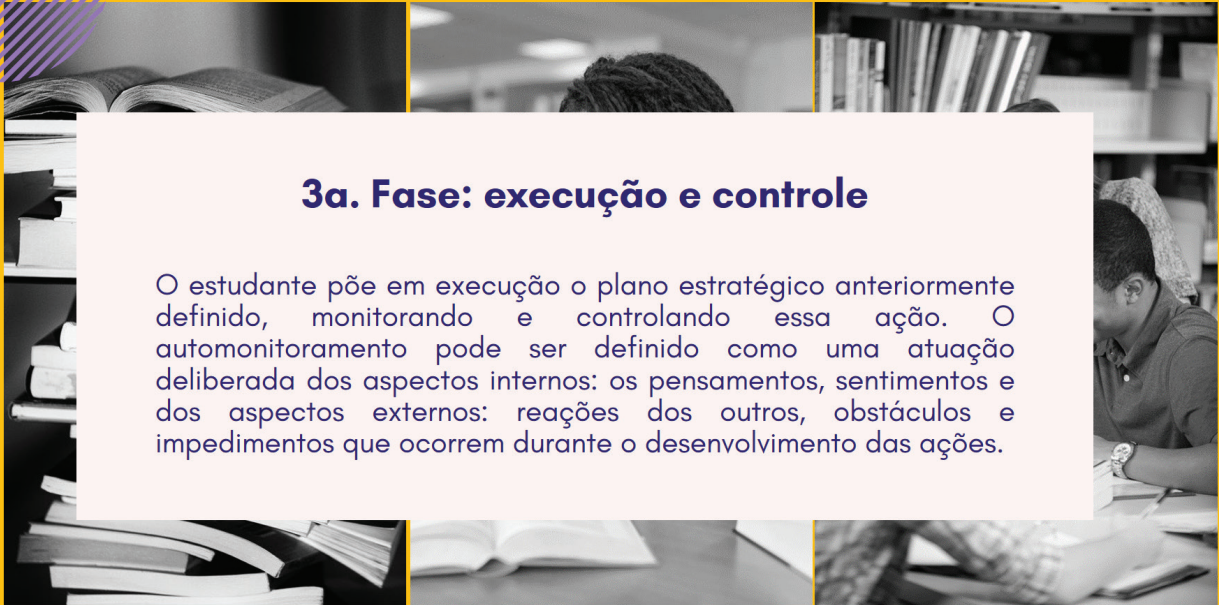
## 2a. Fase: planejamento estratégico

É nesta fase que se seleciona e organiza as estratégias e métodos de estudo, para tal, é necessário que o estudante reúna e organize toda a informação, material e outros recursos necessários. Uma vez seleciona a estratégia, ele deve elaborar um plano de ação, onde estabeleça os passos a serem seguidos para a realização da tarefa.



### 3a. Fase: execução e controle

O estudante põe em execução o plano estratégico anteriormente definido, monitorando e controlando essa ação. O automonitoramento pode ser definido como uma atuação deliberada dos aspectos internos: os pensamentos, sentimentos e dos aspectos externos: reações dos outros, obstáculos e impedimentos que ocorrem durante o desenvolvimento das ações.



As estratégias metacognitivas assumem um papel fundamental nessa fase.



As estratégias motivacionais ditam o empenho do estudante na realização da tarefa.



O automonitoramento da tarefa busca a manutenção do foco nos objetivos propostos.



#### 4a. Fase: avaliação dos resultados atingidos

A autoavaliação é influenciada pelas atribuições, pelos padrões autoimpostos e autoreações positivas. Ela pode mobilizar os esforços para a manutenção do percurso previamente definido ou por outro lado, para sua correção, refletindo sobre as causas do sucesso ou do fracasso. O juízo sobre os resultados alcançados é influenciado por variáveis metacognitivas, motivacionais, volitivas e também pelo feedback recebido.



Os processos de autorregulação agem interativamente. Não só entre si, mas com as consequências produzidas no meio. Para Zimmerman (2000), essas fases cumprem um ciclo de ação na autorregulação, continuamente aberta a novos envolvimento, com recuos e avanços sempre diferentes, enriquecidos pela experiência anterior, pelo contexto em que ocorrem e pelos resultados que vão sendo obtidos.



### INTENCIONAL

tem objetivos a serem atingidos.

### TEMPORAL

desenvolve-se num tempo estabelecido de acordo com as metas.

### DINÂMICA

a relação entre as fases e os componentes podem processarem-se em diferentes direções.

⚡ A Aprendizagem Autorregulada é então, uma ação: ⚡

### PLANEJADA

um planejamento dos processos cognitivos, metacognitivos e motivacionais para realizar uma ação .



### COMPLEXA

há variáveis cognitivas, motivacionais e socioemocionais que vão medir a autorregulação.



## POR QUE O CONCEITO DE AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM É TÃO IMPORTANTE?

Com a palavra, o pesquisador!



## PEDRO SALES LUÍS ROSÁRIO

Professor do Departamento de Psicologia da Universidade do Minho e diretor do programa de doutoramento em Psicologia Aplicada. A sua linha de investigação centra-se no estudo do impacto das dimensões cognitivo-motivacionais, emocionais e sociais no sucesso escolar dos alunos, dando um especial enfoque à análise da autorregulação da aprendizagem.

Autor de 12 livros e 80 artigos sobre o tema, desenvolve suas pesquisas em vários países da Europa e da América Latina. No vídeo a seguir, o Prof. Dr. Pedro Rosário fala de suas pesquisas e da importância do conceito de aprendizagem autorregulada.



## 2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA SOCIAL COGNITIVA - TSC

### A ARA na perspectiva da Teoria Social Cognitiva (TSC):

- desenvolvimento de métodos de ensino e aprendizagem que oportunizam ao estudante autorregular sua aprendizagem..
- É o componente agente do sujeito, em que estando no centro do processo de aprendizagem, pode obter ajuda, mas precisará fazer o percurso.
- Nova visão de instrução. Não é dar o para o aluno, mas apoiá-lo nos mecanismos que ele necessita.
- É a ideia do aprender a aprender. O aluno necessita querer.

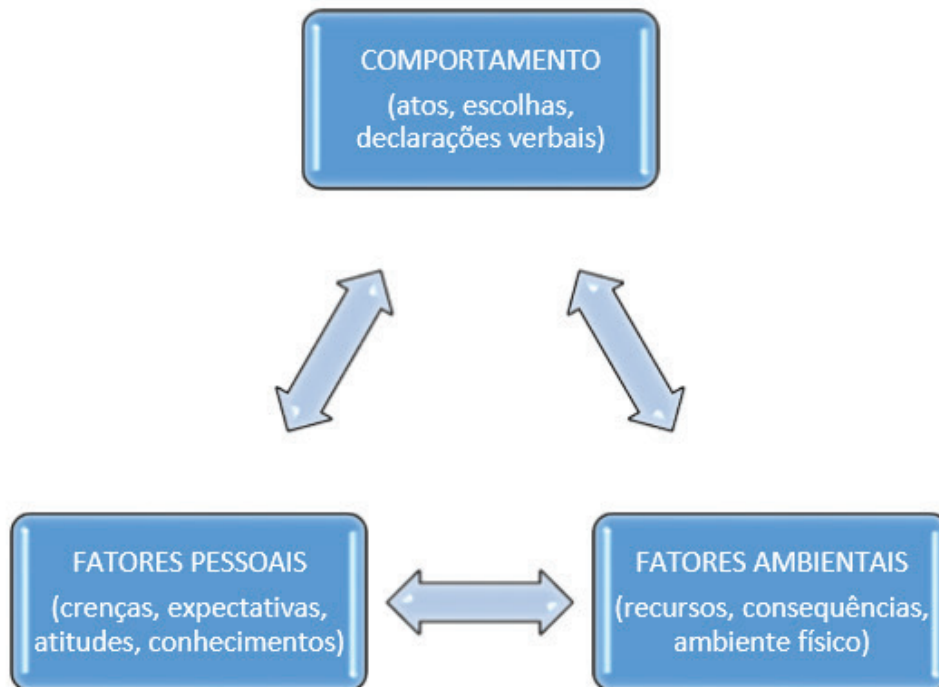
Bandura (1986) atribuiu o nome de Teoria Social Cognitiva - TSC aos postulados teóricos que desenvolveu ao longo de seus estudos, entre os quais estão a teoria da autoeficácia, do desengajamento moral e da autorregulação. Dentre as premissas dessa formulação, está a ideia de que o ser humano é capaz de se autodirecionar para aprender.

A visão de homem postulada por Bandura, o situa no lugar de um agente que pode influenciar os acontecimentos com seus atos e se envolve de forma proativa em seu próprio desenvolvimento: "aquilo que as pessoas pensam, creem e sentem afeta a maneira como se comportam" (BANDURA, 1986, p. 25).

Assim, a TSC foca na importância da intencionalidade e da responsabilidade do indivíduo, para agir e provocar mudanças, em uma visão ativa e mútua do comportamento, que integra fatores comportamentais, pessoais e ambientais, num constante avançar da aprendizagem. Esses fatores são separáveis, mas não independentes, antes pelo contrário, todos influenciam e são influenciados uns pelos outros, numa relação denominada reciprocidade triádica, conforme ilustra a Figura 3.



Figura 3 - Reciprocidade triádica na Teoria Social Cognitiva



Fonte: AZZI (2014) - Adaptado de Bandura (1986)

A reciprocidade triádica não goza de simetria nas intencionalidades bidirecionais. Algumas fontes têm maior intensidade que outras e não acontecem ao mesmo tempo. Essas intencionalidades diferem de acordo com a pessoa, o meio em que ela está inserida e o comportamento que será analisado (BANDURA, 1986).

Compreendido este princípio, a partir das informações e interpretações dos resultados de sua performance, o indivíduo altera seu ambiente e suas autocrenças. Estas alterações no ambiente e nas autocrenças individuais, podem gerar alterações subsequentes em sua performance. O desenvolvimento pessoal ocorre por meio da perspectiva da agência, consistindo na capacidade do indivíduo desenvolver habilidades autorregulatórias que podem determinar uma direção a ser seguida, escolhendo objetivos, sem ser passivo às influências do meio, ou seja, na história de vida pessoal, o futuro é visto como meta.

A pessoa é reflexiva, tem intencionalidade e se autoavalia, tendo sua percepção pessoal e de mundo social a partir de suas crenças, fundamentadas em experiências vivenciadas, das suas emoções e da modelação e persuasão verbal (BANDURA, 1986). Aprofundemos essa concepção de agência do sujeito.





## 2.2.1 A Autorregulação da Aprendizagem e a agência do sujeito – aproximações com a Formação Humana Integral

A autorregulação da aprendizagem é um conceito importante no processo de construção de conhecimento dos alunos, uma vez que envolve diferentes esferas do funcionamento humano, considerando o indivíduo como um sujeito que atua e sofre influências das diferentes dimensões tratadas pela reciprocidade triádica (BANDURA, 2008). Esse processo conduz a uma aprendizagem mais autônoma e ativa, em que o aprendiz utiliza suas capacidades pessoais e estratégias adaptadas a cada situação para maximizar a sua aprendizagem (ZIMMERMAN, 2000).

Segundo Bandura (2008), quatro capacidades humanas básicas estão envolvidas na agência humana:

1

### A INTENCIONALIDADE

planejar as ações e empreender estratégias para o alcance dos objetivos traçados.

2

### O PENSAMENTO ANTECIPATÓRIO

antecipar consequências desejáveis das ações e das metas planejadas, possibilitando motivação diante das possibilidades futuras.

3

### A AUTORREATIVIDADE

monitorar e equilibrar o próprio comportamento, permitindo ao sujeito fazer ajustes quando necessário.

4

### A AUTORREFLEXIVIDADE

a metacognição, a capacidade de pensar sobre o próprio pensamento, observando o que e o que não se sabe, e o que é necessário saber para atingir os objetivos propostos.



Pelo referencial da TSC, os professores podem trabalhar para melhorar:

**1** os estados emocionais dos alunos, fatores pessoais;

**2** melhorar as suas práticas autorregulatórias, comportamento;

**3** alterar as estruturas escolares que impedem o sucesso de seus alunos, fatores ambientais.

Assim, a competência escolar se desenvolve do processo de autorregulação, surgindo originalmente do social para assim ser transferida para a pessoa, acontecendo consecutiva e progressivamente, visualizando-se nesse processo a reciprocidade dos fatores descritos por Bandura.

O sujeito que aprende, na perspectiva da TSC, é agente de sua aprendizagem. Compreende que aprender não está restrito ao acúmulo de informações e procura atribuir significado ao conhecimento que vai adquirindo, sejam eles escolares ou não. Planejar, definir estratégias, imaginar os possíveis resultados, se reorganizar frente às necessidades e obstáculos e refletir sobre todo o processo, são capacidades humanas básicas que permitem aos sujeitos tomar as rédeas da própria vida e seguir adiante para alcançar as metas propostas (SILVA e SILVA, 2015).

É essencial destacar que as bases conceituais da Teoria Social Cognitiva, desenvolvida por Bandura, tanto quanto a perspectiva da formação humana integral, amplamente explicitada no corpo da dissertação de mestrado a qual este produto está vinculado, refutam as perspectivas mecanicistas de ser humano, ao mesmo tempo que consideram o desenvolvimento humano não apenas do ponto de vista cognitivo, mas também do afetivo e do social, percebendo o sujeito como aquele que age sobre o mundo e sobre si mesmo.





O indivíduo nasce agente?

**A resposta é: não!**

**Tornamo-nos agentes, mediados pelo processo de interação social. A formação da identidade, neste sentido, caminha junto com a construção da agência pessoal e coletiva, na medida em que as pessoas aprendem a estruturar a própria vida e a se relacionar com as outras nos diferentes contextos.**



É na perspectiva de proximidade entre as concepções apresentadas, resguardando-se as especificidades das teorias em questão, que tomamos a autorregulação da aprendizagem como um caminho em que os alunos possam perceberem-se como agentes da própria formação no cotidiano de experiências escolares. Assim, no próximo tópico tratar-se-á de aspectos essenciais para o desenvolvimento da autorregulação.

### **2.2.2 As crenças de autoeficácia e motivação: aspectos essenciais para a autorregulação.**

Seguindo o caminho teórico delineado por Bandura (1986, 1989) quanto à autorregulação da aprendizagem, vale ressaltar dois aspectos essenciais desse constructo: i) as crenças de autoeficácia; ii) a motivação. Pela relação intrínseca entre os conceitos, os abordaremos conjuntamente.

A percepção da autoeficácia guia os sujeitos em direção aos desafios que creem serem capazes de enfrentar; regula o esforço e a motivação para superar os potenciais obstáculos que podem vir a surgir e tem influência sobre as reações após os resultados alcançados (BANDURA, 2008).

No contexto escolar, Bzuneck (2009, p.116), assevera que a motivação para um aluno envolver-se nas atividades de aprendizagem, dá-se quando ele acredita que, “com seus conhecimentos, talentos e habilidades, poderá adquirir novos conhecimentos, dominar um conteúdo, melhorar suas habilidades, etc.”

Dessa forma, esse aluno vai selecionar as atividades e estratégias de ação de acordo com o que acredita que possa desenvolver satisfatoriamente e abandonará aquelas que sabe que não conseguirá realizar. Assim, as crenças de autoeficácia o levarão ao desempenho final das tarefas, que se apresenta em acordo com o pensamento de Bandura (1986) e de Schunk e Pajares (2011) de que quanto maior a crença de autoeficácia, mais motivação as pessoas encontram para realizar uma atividade.

Percebe-se assim, que os graus de motivação são estabelecidos pelas crenças de autoeficácia. São elas que fomentam as ações do sujeito que, por antecipação mental do que deve realizar para alcançar suas metas, decide o curso de suas ações.



Azzi (2014, p. 44) enfatiza o papel preditor das crenças de autoeficácia e aponta quatro processos que medeiam os efeitos dessas crenças sobre as ações:

1

## COGNITIVO

quanto mais intensa a percepção de autoeficácia, maiores serão os desafios que os sujeitos imputarão a si mesmos e mais arraigado o comprometimento com eles.

2

## MOTIVACIONAL

as pessoas suscitam crenças sobre o suas potencialidades e as crenças de autoeficácia contribuem para a motivá-las.

3

## AFETIVO

as crenças pessoais nas capacidades de enfrentamento afetam o volume de estresse e de depressão que as pessoas experienciam em situações difíceis ou ameaçadoras.

4

## DE ESCOLHA

entre em contato com seu governo local para descobrir como os alertas e instruções serão dados em caso de emergência.



MAS, DE ONDE  
SURGEM AS  
CRENÇAS DE  
AUTOEFICÁCIA ?

## QUATRO FATORES QUE SEGUNDO PAJARES (2002) INFLUENCIAM A CRENÇA DE AUTOEFICÁCIA:

### AS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

são as avaliações que cada um faz da performance de seu desempenho frente às ações desenvolvidas, impacta em suas crenças sobre sua capacidade de realização.

# 1

# 2

### AS EXPERIÊNCIAS VICÁRIAS

dão-se por meio da observação. Observar o sucesso de outras pessoas em suas tarefas, sugere ao observador que ele também pode realizar suas tarefas com sucesso e, dessa forma, se motiva.

### A PERSUASÃO VERBAL

refere-se à valorização dos talentos da pessoa, pela verbalização de alguém que lhe é importante: “você vai conseguir”, “sei que você é capaz”, são exemplos de avaliações sociais positivas.

# 3

# 4

### AS REAÇÕES FISIOLÓGICAS

compreendem alterações de humor, ansiedade e estresse que influenciam as percepções pelas quais as pessoas julgam suas aptidões, seu esforço e sua fragilidade.

Em termos práticos, Bzuneck (2009) lista duas estratégias educacionais gerais para potencializar as crenças de autoeficácia na sala de aula:

## 1. DEFINIR OBJETIVOS E METAS

### As metas:

- podem ser definidas pelos próprios estudantes ou pelo professor;
- devem ser próximas (de curto prazo), específicas e adequadas às possibilidades de realização dos estudantes quanto ao grau de dificuldade.

Segundo Bandura (1986) e Pajares (2002), o estudante com crenças de autoeficácia fortalecidas poderá ter mais de êxito no seu desempenho escolar.

Sendo assim, é fundamental o desenvolvimento de atividades que oportunizem aos alunos construir de forma consistente crenças de autoeficácia.



## 2. EVITAR COMPARAÇÕES ENTRE OS ALUNOS

Comparamos os estudantes ou potencializamos atitudes comparativas quando não diferenciamos as competências, habilidades e ritmos de produção.

### Cabe, portanto:

- diversificar as tarefas de acordo com as necessidades, competências e habilidades dos estudantes;
- promover a aprendizagem colaborativa, enfatizando a importância da ajuda mútua entre os estudantes com desempenhos diferentes e estimular a cooperação entre os pares.

**A questão é como os professores podem criar ambientes de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento dos processos de autorregulação dos seus alunos.**



### 2.2.3 O ciclo da autorregulação: o modelo PLEA (Planejamento, Execução e Avaliação)

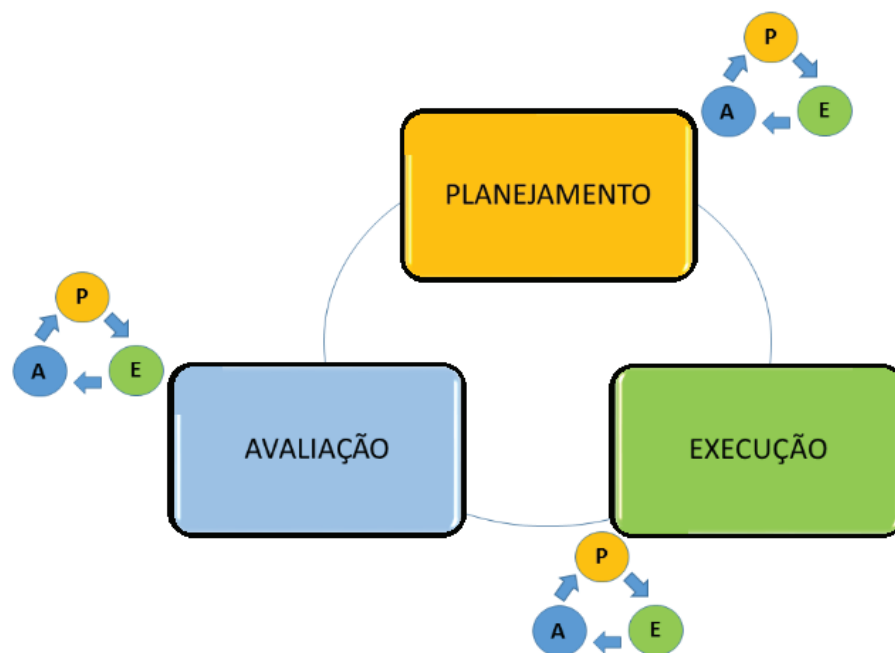
Segundo Polydoro & Azziz (2009), no campo da intervenção baseada na autorregulação da aprendizagem, há três linhas de ação, representadas por Zimmerman, Pintrich e Rosário. Resguardadas as suas especificidades, elas se assemelham na referência à estrutura cíclica do processo autorregulatório. Nesta formação, trataremos do modelo de Rosário, denominado PLEA (Planejamento, Execução e Avaliação).

De acordo com Silva e Silva (2015, p. 61),

O PLEA (Planejamento, Execução e Avaliação), proposto por Rosário, caracteriza-se como um modelo cíclico intrafases (POLYDORO & AZZI, 2009). Em todas as fases o estudante planeja, executa e avalia os resultados obtidos. Nesse percurso, ele considera os recursos pessoais e ambientais em função dos objetivos a serem alcançados; automonitora as estratégias eleitas para cumprir as metas estabelecidas e avalia a eficácia dos resultados e a existência de lacunas entre o que conseguiu alcançar e os objetivos e metas propostos.

A Figura 4 ilustra o caráter cíclico intrafases do PLEA:

Figura 4 - O modelo PLEA



Fonte: adaptado de Rosário, 2009



Como pode ser observado, em todas as fases o aluno planeja, executa e avalia os resultados obtidos. O ciclo tem início com a fase do planejamento. Nele, dá-se a análise da tarefa com a qual o estudante se defronta, percepção dos recursos pessoais e ambientais de que dispõe para realizá-la, estabelecimento de objetivos e a proposição de um plano para atingir a meta definida.

A fase de execução refere-se à implementação de estratégias visando à obtenção das metas. Para isso, o estudante também deve acompanhar a eficácia das estratégias por meio da automonitorização.

Na fase da avaliação, além do estudante constatar a possível discrepância entre o resultado de sua aprendizagem e o objetivo inicial, deve redefinir estratégias para a realização da meta pretendida. Como se trata também de um modelo cíclico, os resultados da fase de avaliação interferem na fase de planejamento seguinte (ROSÁRIO et al. 2012).

Silva e Silva (2015, p, 22) consideram que um trabalho sistemático sobre as etapas do processo autorregulatório da aprendizagem, auxilia o aluno a ser mais consciente e internalizar o processo, permitindo-lhe melhor julgamento sobre que estratégia pode ser mais adequada na execução de cada uma das etapas,

“

Quando a escola trabalha no sentido de desenvolver os processos envolvidos na autorregulação, bem como ao equipar os estudantes com um vasto repertório de estratégias, ela também contribui para a formação de alunos que assumem um papel ativo nesse processo, que estão conscientes de suas ações e escolhas. Essa consciência promove a capacidade de autoinfluência sobre o próprio comportamento, para agir de forma competente e engajada em favor da sua aprendizagem.

”



### **Fórum de discussão 2:** **ARA EM FOCO**

Após esse ciclo de estudos sobre a ARA, que considerações você faz a respeito do tema? Participe do segundo fórum de discussão, registrando suas considerações. Destaque os tópicos que considerou importantes no estudo da ARA. Leia a contribuição dos demais participantes e comente pelo menos uma.



### **Diário de Formação 1:** **AUTOAVALIAÇÃO**

Refletindo sobre o que foi estudado nesse ciclo e tendo desenvolvido as atividades propostas, registre suas reflexões sobre: percebo-me como sujeito que se utiliza das estratégias de autorregulação no processo de minha aprendizagem ou mesmo em outras situações da vida? Conhecer alguns fundamentos teóricos da ARA me faz pensar que são importantes para o êxito escolar?



**No próximo ciclo, conversaremos sobre as implicações da ARA no contexto educativo:**



- Os processos de autorregulação e os programas de promoção da ARA;
- Mediação pedagógica e o papel do professor;
- A infusão curricular.

## AS VOZES DO CAMINHO

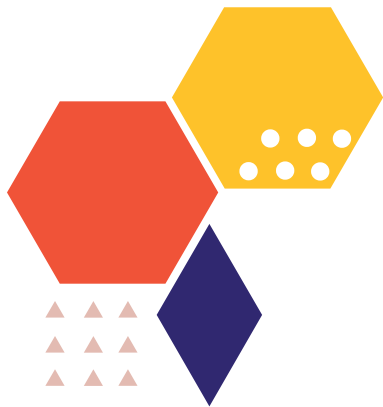
I

“

[...] foi na prática que aprendi que ensinar é muito mais que apenas deter o conhecimento e transmiti-lo. É manter relacionamentos, é desenvolver amizades, é orientar, é ouvir, é mudar de opinião e se transformar com o passar dos anos.

”

BEIJA-FLOR



# Ciclo 3

## 3 IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO EDUCATIVO

---

### Roteiro de estudos 2

#### Descrição

Este é nosso segundo roteiro de estudos que se apresenta como um instrumento de orientação no trato dos conteúdos e atividades propostos. Ao realizar as leituras ou assistir aos vídeos, anote o que considerou importante, questionamentos, etc. Será importante para sua participação no fórum de discussões.

#### Roteiro de estudo e atividades

1. Realize a leitura do material disponibilizado para estudo: Promoção dos processos autorregulatórios; infusão curricular; mediação pedagógica e o papel do professor;
2. Assista ao vídeo 3: Aprender a aprender. O vídeo é uma animação que apresenta uma situação de aprendizagem.
3. Participe do Fórum 3: Relação entre a ARA e o aprender a aprender.

#### Autoavaliação: Eu (a) Professor (a)

As pesquisas indicam que para termos alunos autônomos, temos que ser autorregulados, a fim de promover a autorregulação deles (ROSÁRIO, 2012). Pensando sobre essa afirmação, reflita sobre quais seriam seus principais desafios como promotor de estratégias de autorregulação. Registre no diário de bordo.



### **3.1 A PROMOÇÃO DOS PROCESSOS DE AUTORREGULAÇÃO**

Segundo Rosário (2017), a importância de se desenvolver a autorregulação da aprendizagem dos estudantes está relacionada a uma necessidade contemporânea de aprendizado contínuo ao longo da vida.

As inovações tecnológicas e a busca constante pelo conhecimento, exigem uma formação de sujeitos que tenham iniciativa pessoal e que não sejam reféns de processos reativos desencadeados pelo contexto de ensino, o que requer das instituições educacionais oportunizar aos estudantes experiências que os tornem capazes de aprender por si mesmos no decorrer de toda trajetória acadêmica e profissional.

#### **Mas, como fazê-lo?**

Trazemos então para nossa pauta, uma descrição da estrutura e funcionamentos dos processos autorregulatórios, bem como informações acerca do desenvolvimento e das possibilidades de promoção da autorregulação da aprendizagem, das implicações na prática pedagógica. Vamos a eles?

#### **3.1.1 Projetos e materiais pedagógicos promotores da Autorregulação da Aprendizagem - ARA**

Ao longo das últimas décadas, foi possível observar crescente interesse no desenvolvimento de programas para a promoção da ARA (ROSÁRIO et al., 2012). As pesquisas de revisão da literatura têm sido importantes fontes de informação sobre esses programas, uma vez que permitem identificar as diferentes iniciativas e as características desses programas, que podem ser divididos conforme as categorias em destaque ao lado. Nessa formação, trataremos especificamente modelos de intervenção que se enquadram nas abordagens de :

- 1) justaposição curricular (que costumam ocorrer à margem do currículo, sob a forma de projetos de extensão);
- 2) infusão curricular (que são realizadas inseridas no currículo disciplinar previsto).



Dois grupos de pesquisas desenvolveram e aplicaram esses projetos em vários países da América e da Europa:

---

O GUIA - Grupo Universitário de Investigação em Autorregulação  
e o  
NEAPSI - Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia  
Comportamental e Cognitiva.

---

O primeiro, é de Portugal, liderado pelo Prof. Pedro Rosário, da Universidade do Minho e o segundo, é do Brasil, liderado pela Prof.<sup>a</sup> Roberta Azzi da UNICAMP.

### 3.1.2 A estrutura dos programas com narrativas

As intervenções de autorregulação da aprendizagem propostas pela equipe de pesquisa do professor Pedro Rosário (ROSÁRIO et al, 2012) foram idealizadas, com base em 3 pressupostos:

**Narrativa** - que segundo as palavras de Pedro Rosário, serve com uma ferramenta útil de ensino, uma vez que desde pequenos estamos habituados a ouvir histórias, que costumam ser lidas por nossos pais e avós antes de irmos dormir ou como forma de lazer. Trata-se, portanto, de uma maneira informal e descontraída de aprender conteúdos morais e um bom instrumento de transmissão cultural.

**Constructo da modelação** - o constructo da modelação pode ser constatado pela existência de um narrador personagem, que apresenta virtudes e que enfrenta dificuldades no percurso escolar, o que é uma forma de aproximar o(a) leitor(a) e, de certo modo, permitir que ele(a) se identifique com esse modelo. Essa identificação servirá para levar o leitor (aluno) a modificar seus hábitos de estudo e a reconhecer suas potencialidades e suas fraquezas.



**Modelo teórico da autorregulação da aprendizagem** - Em cada uma das denominadas “histórias - ferramenta”, nomenclatura adotada por Pedro Rosário, as estratégias de autorregulação da aprendizagem estão inseridas de maneira implícita ou explícita, com uma linguagem coerente com o público-alvo ao qual cada material está destinado e seguem o marco autorregulatório já apresentado.

O GUIA produziu materiais para a promoção da ARA, destinados a todas as séries da Educação Básica, exceto ensino médio, e um livro dirigido a alunos do ensino superior. Em linhas gerais, cada livro apresenta um formato semelhante. São narrativas em que um narrador-personagem percorre uma trajetória coerente com a série de ensino a qual ele se destina e há uma série de estratégias de autorregulação da aprendizagem inseridas ao longo dessa história.

Ao NEAPSI coube a tarefa da produção do material para atender ao ensino médio. Tendo parte dos pesquisadores desse grupo já realizado trabalhos em conjunto com a equipe da Universidade do Minho, a estrutura proposta na série Conversas do Elpídio, é bastante semelhante às narrativas produzidas pelo GUIA. Dedicar-se à discussão sobre as experiências e mudanças nas atitudes frente às experiências vivenciadas no ensino médio, inspirando o protagonismo juvenil.

Os programas para promoção da autorregulação da aprendizagem propostos pelos Grupos de pesquisas descritos no tópico anterior, seguem o modelo PLEA.

Convém alertar que as narrativas devem ser percebidas, como um ponto de partida para o trabalho que intenciona a promoção dos processos autorregulatórios da aprendizagem, sendo necessário contextualizá-las às situações da vida do aluno. Como diz Rosário (2009, p.18)





**"O verdadeiro sucesso dessa ferramenta dependerá da competência para dar forma ao aprendido no vivido"**





Observe no Quadro 1 as características do material didático produzido pelos dos grupos de pesquisas e o público a que se destina.

Quadro 1 - Descrição dos Programas para promoção da ARA desenvolvidos pelos grupos de pesquisas GUIA e NEAPSI

PROGRAMAS	CARACTERÍSTICAS
	<p>O livro Sarilhos do Amarelo (na versão brasileira: Travessuras do Amarelo) é destinado a alunos com faixa etária abaixo de 10 anos. Essa obra “conta história do desaparecimento do Amarelo, a cor do arco-íris, e das aventuras das demais cores que partem em sua busca porque <b>todos são importantes e não podemos deixar ninguém para trás</b>” (ROSÁRIO; POLYDORO, 2014, p.29-30).</p> <p>Durante o percurso em busca do Amarelo, as cores do Arceláris vão encontrando amigos e aprendendo estratégias de autorregulação úteis para resolver os problemas e desafios que surgem no caminho.</p>
	<p>A série (Des)venturas do Testas é dirigida aos alunos do 5º ano ao 9º do Ensino Fundamental. Testas narra sua vida e as alegrias e as dificuldades que enfrenta ao longo de um ano escolar. No volume destinado ao 5º ano, Testas afirma ser um aluno médio, desajeitado. Comenta, também, sobre os desafios enfrentados ao iniciar o 5º ano, com vários professores, tendo cada um seu estilo de ensino particular. As estratégias de autorregulação da aprendizagem são inseridas ao longo da narrativa, sem retirar o caráter informal da história, de modo que os alunos aprendam conteúdos sem parecer algo maçante.</p>
	<p>De forma semelhante, Em Cartas do Gervásio ao seu Umbigo (Ensino Superior), os autores seguem a mesma estrutura adotada para as séries anteriores. Esse projeto enquadra -se como uma espécie de programa-ponte entre o final do Ensino Médio e o Ensino Superior . Gervásio é um calouro que escreve um conjunto de cartas sobre sua experiência na Universidade. Terá dificuldades de concentração, irá procrastinar, quando tiver tarefas a serem cumpridas e ficará ansioso em relação à realização de provas.</p>
	<p>Na série, composta de seis volumes, o protagonista Elpidio conversa sobre organização do tempo e das condições de estudo, estratégias de estudo e aprendizagem, autoavaliação, planejamento, estabelecimento de metas, entre outros temas. Ele compartilha suas novas experiências, que desenvolvem o exercício da aprendizagem autorregulada para pensar as atividades acadêmicas.</p>

Fonte: elaboração das autoras, 2019.



### 3.1.3 A infusão curricular e a ação docente

Na revisão de literatura sobre as diferentes promoções na área das estratégias de aprendizagem, Hattie e colaboradores (1996) sugerem que estes programas apresentam uma relação mais proximal com o sucesso escolar quando trabalhados no âmbito de um contexto e domínio de aprendizagem específico. A infusão curricular tem como objetivo integrar o ensino das estratégias de aprendizagem na dinâmica das disciplinas. Os educadores que optam por esta metodologia instruem os seus alunos nas questões motivacionais e estratégias cognitivas relativas à sua área de conteúdo (ROSÁRIO, 2017).

A metodologia da infusão curricular, promove as estratégias de autorregulação da aprendizagem em contexto educacional, nas diversas áreas do conhecimento e não apenas num curso específico de técnicas de estudo - metodologia da justaposição - onde estas são, habitualmente, trabalhadas de uma forma avulsa e desancorada teoricamente.

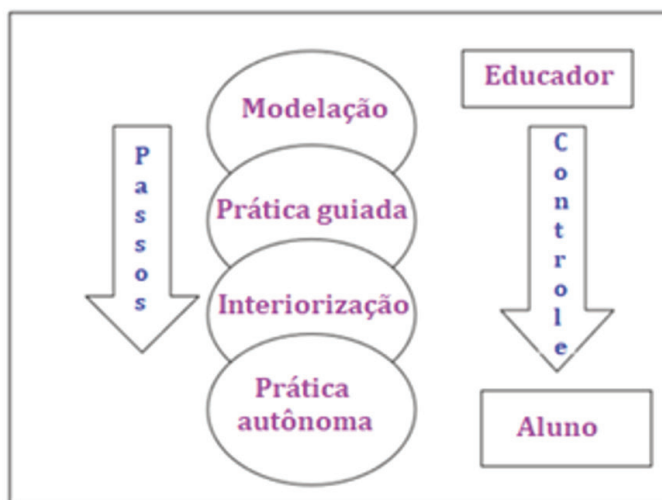
Neste sentido, na realização das tarefas previstas no currículo da sua disciplina, os professores podem discutir com os alunos a aplicação das estratégias de autorregulação a situações concretas, exercitando a sua transferência para outros contextos, conteúdos e tarefas escolares. Os alunos seriam, deste modo, ajudados a responderem mais eficazmente aos seus objetivos e abordagens típicas à aprendizagem (ZIMMERMAN, 1992).

Para trabalhar as estratégias de autorregulação da aprendizagem, o educador deverá apresentar, não somente a estratégia de aprendizagem, explicando a sua natureza e função (conhecimento declarativo da estratégia de aprendizagem), mas também como (conhecimento procedimental) e quando a utilizar (conhecimento condicional) para alcançar um determinado objetivo escolar.

Na etapa de modelação da estratégia, conforme ilustra a Figura 5, as instruções sobre a natureza e sua adequação às tarefas de aprendizagem devem ser claras e fazer referência a exemplos concretos e diferenciados.

Depois de ensinar os conteúdos relativos a cada estratégia de aprendizagem, o educador deve ensaiar a sua utilização em diferentes atividades e conteúdos de aprendizagem. Numa segunda fase, a da prática guiada, os alunos devem identificar os diferentes passos seguidos pelo educador para a operacionalizar e, seguidamente, tentar praticar autonomamente a mesma estratégia. Esta tarefa deverá ser supervisionada pelo educador que corrigir e sugere a cada aluno as alterações necessárias.

FIGURA 5 - Sequência para trabalhar as estratégias da ARA



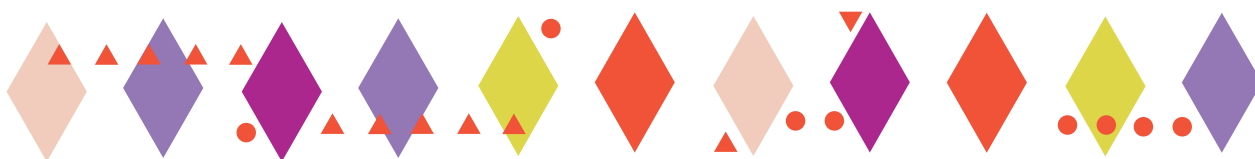
FONTE: Rosário, 2004

No passo seguinte, os alunos devem praticar a estratégia de aprendizagem sem terem de recorrer ao guião fornecido pelo educador. Este treino de autonomização promove a interiorização da estratégia.

Nesta fase é desejável que os alunos tentem aplicar a estratégia a outras tarefas de aprendizagem/problemas testando a solidez desta aprendizagem.

Por último, os alunos deverão ser capazes de transferir esta aprendizagem para outros domínios, ou seja, deverão ser capazes de conseguir aplicar a estratégia de aprendizagem trabalhada a outros conteúdos, disciplinas, ou contextos de vida, analisando as diferentes constrições da tarefa e do ambiente de aprendizagem.

O papel dos professores é fundamental e deve ser orientado, sobretudo, para promover oportunidades efetivas de trabalhar metacognitivamente, posicionando-se face ao acontecido, produzindo alternativas, antecipando consequências, avaliando o sucedido... Por outro lado, e simultaneamente, devem também oferecer feedback em tempo adequado para que os educandos, a partir dessas indicações, possam melhorar suas realizações.

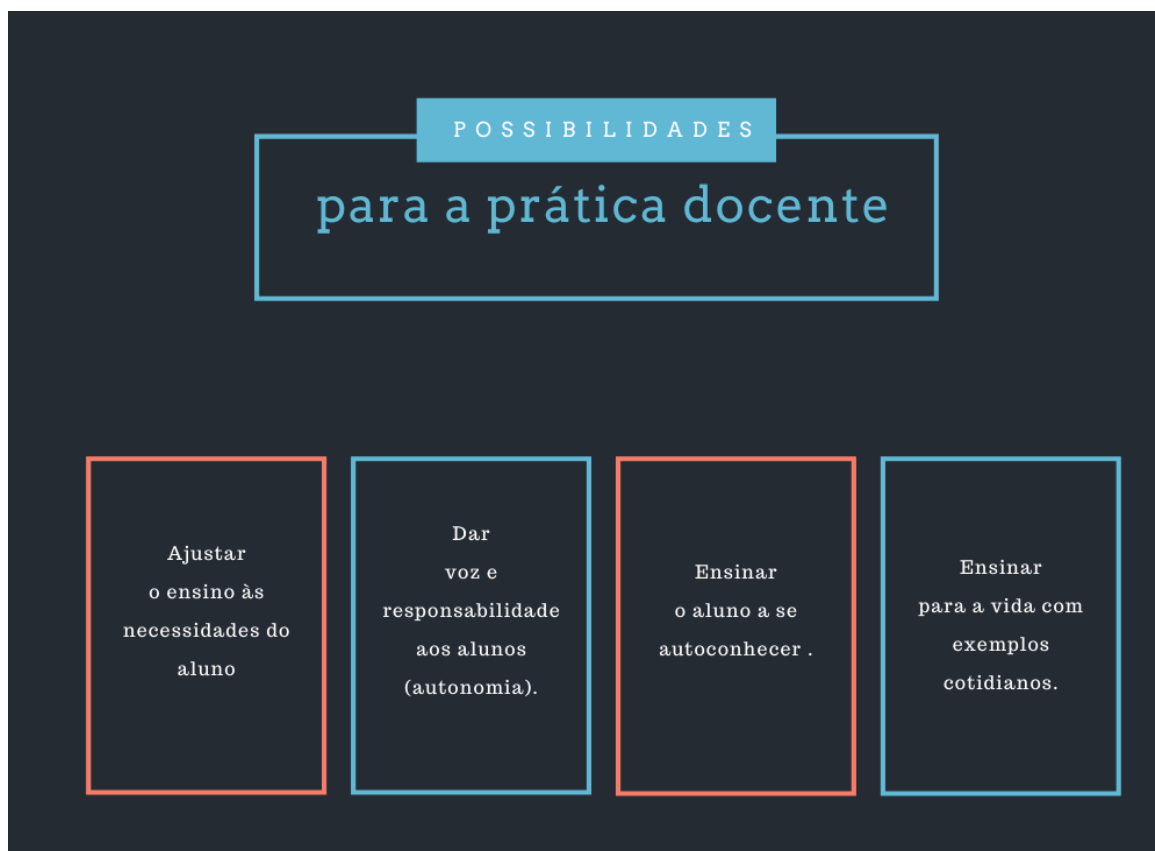




### 3.1.4 Mediação pedagógica e o papel do professor

A autorregulação não pode ser caracterizada como um conjunto de características do aluno, mas sim como processos ativados em contexto para alcançar o sucesso escolar. Neste sentido, a regulação do estudo não é um aspecto singular dos alunos, mas sim, um processo multidimensional e contextual na sua aplicação. Por esse motivo, os processos de estudo interagem com os resultados e os acontecimentos sociais, exigindo ajustamento e envolvimento contínuos.

Promover alunos autorregulados de sua aprendizagem implica favorecer o seu crescimento nos processos autorregulatórios subjacentes às suas aprendizagens. Deste modo, os professores que responderem afirmativamente ao desafio de transformarem as suas salas de aula em academias de aprendizagem autorregulada terão, em primeiro lugar, de negociar com os alunos a mensagem de que cada um é responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem e, posteriormente, trabalhar a infusão curricular das estratégias de autorregulação (ZIMMERMAN, 1998).



ao utilizar as narrativas como ferramenta nessa promoção da ARA, como base nas sugestões de Rosário (2009).



Vale ressaltar que não existe um único caminho para a promoção das estratégias de autorregulação da aprendizagem no contexto educativo. Elas diferem de acordo com as variáveis ambientais, pessoais, finalidades. Contudo, Schunk e Ertmer (2000), Zimmerman e Clary (2006), Rosário e Polydoro (2014) endossam o uso da modelação, do feedback, registro das informações, dinâmicas de grupos, debate, trocas de experiências como práticas que possam prover estratégias autorregulatórias como: i) estabelecimento de metas; ii) leitura autorregulada; iii) atenção, memória, motivação; iv) enfrentamento de dificuldades de estudos por meio de exercícios práticos; v) gestão de tempo versus procrastinação, etc.

Considerando as postulações apresentadas podemos concluir que, para responder ao desafio da aprendizagem autorregulada, é faz-se necessário que os professores desenvolvam primeiramente a autorregulação para que possam proporcionar aos seu alunos as condições de aprenderem a desenvolver a autonomia, sendo estratégicos e motivados na sua aprendizagem em contexto escolar, para que possam posteriormente, aplicar a outros contextos da vida.

Nesse sentido, Frison (2016, p. 14) em seus estudos sobre a autorregulação da aprendizagem e os desafios para as práticas de ensino, evidencia que “a aprendizagem discente está fortemente relacionada ao desempenho docente, havendo ressonância entre ambos” num movimento de interdependência, conforme pode-se identificar na Figura 6.

Figura 6- Articulações reveladas na prática docente



Fonte: adaptado de Frison, 2016



Percebe-se aí, o lugar da metacognição na construção de novos saberes, em que o educador torna-se autorregulado refletindo sobre sua própria prática e o sentido social que ela adquire.

Nesse sentido, Frison (2016) ressalta que a ARA é um conteúdo a ser aprendido e um processo a ser ensinado, portanto, é fundamental que o professor: i) conheça aspectos teóricos da ARA; ii) domine o conteúdo de sua disciplina; iii) crie atividades que permitam ao aluno a ser agente no processo; iv) experiencie novas estratégias e nelas envolva o estudante; v) contextualize os conteúdos em uma interação sistemática entre os estudantes.

Considerando o já exposto nesse caminho teórico, a promoção da ARA apresenta-se como uma ferramenta importante para os propósitos da EPT que assume-se com novas formas de atuação, novas características, que se abre para oportunidades de construção de alternativas e de inovações expressas no ideário proposto em seus documentos legais, com destaque para as ofertas dos cursos do Ensino Médio Integrado; que considera a transversalidade em qualquer disciplina do currículo, da mesma forma que também sinaliza para processos formativos continuados de professores que compreendam a prática pedagógica, não mais centrada na transmissão de conhecimentos, mas tomada como mediadora do processo de ensino-aprendizagem, onde o docente, percebe-se como sujeito que constrói e reconstrói prática, de acordo as necessidades, as vivências, os roteiros e as peculiaridades da profissão.

Finalizando este ciclo,

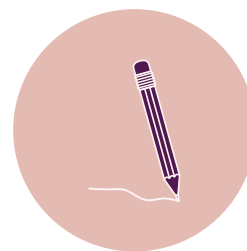
Assista ao vídeo 3: aprender a aprender,  
acessando o link  
[https://www.youtube.com/watch?v=Pz4v  
QM\\_EmzI&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=Pz4vQM_EmzI&t=2s)

para revisar alguns conceitos e consolidar outras informações aqui aportadas.



### **Fórum de discussão 3: RELAÇÃO ENTRE A ARA E O APRENDER A APRENDER**

Após ter assistido ao vídeo 3 - Aprender a aprender, estabeleça a relação entre o conteúdo do vídeo e o que já foi estudado a respeito da Autorregulação da Aprendizagem, destacando o papel do professor e do aluno, nesse processo.



### **Diário de Formação 2: EU, O(A) PROFESSOR(A)**

As pesquisas indicam que para termos alunos autônomos, temos que ser autorregulados, a fim de ajudá-los nesse processo (ROSÁRIO, 2012).

Pensando sobre essa afirmação, reflita sobre a seguinte questão: Qual (is) é (são) meus principais desafios como promotor de estratégias da ARA? Registre suas considerações no seu diário..

## **AINDA HÁ MUITO PARA CONVERSAR!**

**No próximo ciclo:**



#### **As Contribuições da ARA para a prática docente:**

- **As cartas de Gervásio ao seu Umbigo;**
- **Um recorte sobre o êxito na EPT;**
- **Implicações no ensinar e no aprender.**

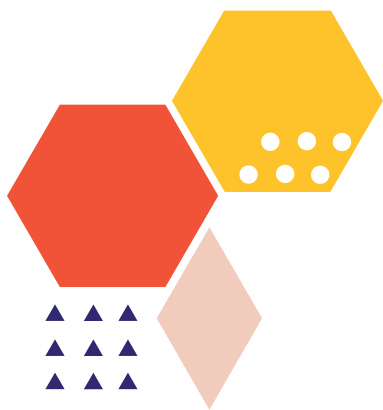
## AS VOZES DO CAMINHO II

“

Minha primeira impressão, é que a aprendizagem por ações autorregulatórias, vai ao encontro de uma postura de vida numa amplitude holística na formação. No segundo momento, exige um grau de maturação do sujeito. No terceiro momento, ajuizar constantemente suas reflexões sobre seus conflitos.

”

TUCANO



# Ciclo 4

## 4 CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

---

### Roteiro de estudos 3

#### Descrição

Este é nosso terceiro roteiro de estudos e também o último. Apresenta-se como um instrumento de orientação no trato dos conteúdos e atividades propostos. Ao realizar as leituras ou assistir aos vídeos, anote o que considerou importante, questionamentos, etc. Será fundamental para sua participação no fórum de discussões.

#### Roteiro de estudo e atividades

1. Realize a leitura do material:

O êxito escolar e a EPT

Implicações no ensinar e no aprender.

2. Para que possa conhecer um pouco mais sobre um dos programas mais utilizados na promoção da ARA, foram selecionadas 4 cartas da série de 14 das escritas por Gervásio ao seu Umbigo. Realize a leitura das mesmas e conheça como as estratégias de autorregulação podem ser ensinadas através de narrativas. Analise as atividades sugeridas para o trabalho com as cartas. Registre no diário de bordo suas considerações sobre as mesmas: gostou da abordagem para o ensino das estratégias autorregulatórias? Numa possível infusão curricular em sua disciplina, como planejará utilizá-las?

3. Participe do Fórum 4: Autorregulação da aprendizagem e infusão curricular, é possível?

4. Avalie a formação respondendo ao questionário avaliação da formação



#### **4.1 As cartas de Gervásio ao seu Umbigo - um programa de promoção da ARA**

O projeto “Cartas do Gervásio ao Seu Umbigo” promovido pelo pesquisador Pedro Rosário e colaboradores, visa ensinar aos alunos ingressantes na universidade, os processos autorregulatórios da aprendizagem. A escolha do 1.º ano como alvo deste projeto de promoção de competências de estudo na Universidade, está relacionada com a necessidade de promoção dos processos de adaptação à experiência acadêmica.

Constituído de 14 cartas organizadas em torno de um conjunto de estratégias de autorregulação da aprendizagem, estão redigidas sem “ponto final”, o que impele os leitores a uma reflexão metacognitiva, em torno das questões em discussão.

O estilo narrativo confere a esta ferramenta um caráter dinâmico, permitindo adaptá-las ao contexto específico de aprendizagens. (ROSÁRIO, 2012). Gervásio é um estudante universitário, calouro, que com a ajuda de seu próprio Umbigo e de outras personagens, reflete sobre seu papel dos processos e das aprendizagens autorregulatórias.

O desenho de como será processada a aplicação do programa, fica a cargo do educador, que define número de encontros, que cartas serão estudadas, como serão ou não adaptadas, metodologia a ser desenvolvida, atividades a elas relacionadas, etc. Rosário no corpo do projeto, apresenta sugestões de algumas questões para o trabalho em sala de aula, mas as mesmas são apenas referências, uma vez que é o professor que conhece os meandros da disciplina que ministra, além de que deve levar em consideração seu próprio estilo de ensinar.

### **AFINAL, quem é esse “GERVÁSIO”?**

Para saber mais sobre Gervásio e suas (des)aprendizagens, foram selecionadas 4 das 14 cartas que compõem as narrativas em que ele conversa com seu Umbigo e que encontram-se disponíveis no AVA, na sessão Cartas de Gervásio. Para esta versão, apresentaremos apenas a carta 2, como ilustrativa do programa. Vale ressaltar que o caráter flexível para o uso das cartas, permite a utilização de todas ou apenas daquelas que contemplem os objetivos propostos na aplicação. Então, vamos conhecer o Gervásio e suas conversas?

Carta nº. 2

*Que objetivos tenho? O que é que verdadeiramente guia o meu agir, no meu estudo, na Universidade Integrado, nos meus hobbies, na prática dos esportes, nas relações com os outros, na minha preguiça...?*

Olá Umbigo,

Sou eu outra vez, o Gervásio. Desculpa ter demorado tanto a voltar a escrever, mas o ritmo que dita tudo aqui na Universidade é de deixar qualquer um doidinho. Passadas as primeiras semanas de euforia e animações da recepção ao calouro, tudo segue o seu curso normal: aulas, aulas, aulas.

Ontem, no restaurante, estávamos numa conversa animada, quando chegou uma amiga do André, aquele do meu curso. Vinha acompanhada de uma galera e, como aqui na Universidade onde cabem dois cabem quinze, nos ajeitamos na pequena mesa o melhor que conseguimos. A conversa foi tão empolgante que o André comeu pelo menos mais três pedaços de coxa e três gelatinas do que a sua cota, mas ninguém parece ter dado pela falta, tal era o entusiasmo.

Vinham de uma aula em que a professora, que por acaso é a coordenadora do curso médio integrado, contou – lhes uma pequena estória para ilustrar a importância de estabelecer objetivos no estudo pessoal. A ideia desenvolvida parece simples: conhecer com profundidade o que é e como se estabelece um objetivo com o intuito de melhorar o desempenho escolar. Mas, como sempre, as coisas mais simples são as mais difíceis de definir. Estou farto de saber o que é um objetivo, mas defini-lo, naquela mesa superpovoada de neurônios insaciáveis e brigões, foi difícilimo. Senti-me como se estivesse em *shorts* no Alasca.

A Soraya Liliana – aquela de olhos irrequietos e cintilantes, mas com um nome fatal, enfim, não se pode ter tudo –, para salvar a conversa de um apagão repentino, contou-nos com detalhe a tal estória. Se não me falha a memória, o texto era mais ou menos assim:

*“O escuro tomou conta da terra. No longínquo céu uma fatia de lua sorria com gosto, mas a intensa água que molhava o chão e os fortes barulhos que se seguiam aos riscos brilhantes, rasgando violentamente o escuro, amedrontavam até o respirar. Uma tartaruga com uma dura carapaça, escondendo pernas pequenas e desajeitadas, passeava distraída por entre a generosa grama. Ela avançava lentamente em direção a casa onde era esperada ansiosamente pela família, mas como protegia a cabeça temendo as luzes que rasgavam bruscamente o céu, o seu rumo era desalinhado e sem norte. Cheia de medo, caiu desamparada numa armadilha para apanhar animais distraídos. Escorregou sem sofrer danos, mas a água dormindo no fundo e a acentuada inclinação do buraco prenderam-na ali.*

*Depois de alguns esforços mal sucedidos, a desajeitada tartaruga concluiu que, sem ajuda, não conseguiria cumprir o seu objetivo. Decidiu esperar com paciência, precisava de poupar forças.*

*Perto desta armadilha, um enorme e poderoso tigre rastejava a coberto pela grama alta, escondendo-se dos brilhantes raios que desciam do céu e assustavam as suas manchas. Sem prestar atenção ao caminho, uma das suas patas perdeu o chão e, quando o tigre conseguiu levantar a cabeça, verificou que estava preso num enorme buraco. A tartaruga assistiu à queda desamparada do perigoso predador e, rapidamente, começou a trabalhar num plano que servisse ao seu objetivo. Manteve-se em silêncio aguentando as longas queixas do poderoso animal, mas o seu coração pulava irrequieto. Quando detectou um rasto de receio no respirar do enorme animal, disse-lhe com voz forte:*

*– Quem pensas que és para incomodares o meu descanso, entrando na minha cova sem pedir licença?*

*O poderoso tigre assustou-se. Pensava estar sozinho e, por isso, respondeu agressivamente:*

*– Fique sabendo que não caí nesta cova imunda. Entrei porque quis – a voz era irregular, denunciando o seu nervosismo. – Mas espera que você já vai essa arrogância.*

*Ato contínuo, o enorme felino varreu a carcaça com uma patada tal que a colocou fora da cova. Mal se recompôs do voo, a tartaruga libertou a sua cabeça e, com um sorriso maroto nos lábios, retomou a sua viagem.”*

A turma que invadiu a nossa mesa estava tão entusiasmada com a moral da estória que prolongou a aula no restaurante. Lembro-me de os ouvir falar de: estabelecer um plano, desenhar estratégias, autorregulação da aprendizagem, monitorização da tarefa e não sei quantos mais palavrões técnicos, que omito para não ofender a tua apurada sensibilidade. Sim, Umbigo, você podia, pelo menos, mostrar algum agradecimento... Discutiram muito uma ideia que me despertou alguma curiosidade; parece que podemos olhar para tudo o que nos acontece com óculos de desafio ou de ameaça. Como resultado, o que finalmente fazemos na vida depende bastante de como vemos a situação. A tartaruga da estória, teria encarado a instável situação em que se encontrava como um desafio, o que lhe valeu uma enorme patada e a consequente dor ciática para toda a eternidade. Bom para ela! Acho que os professores deveriam ter algum cuidado com os exemplos dados na aula, não é mesmo, Umbigo?!

Segundo aqueles aprendizes de Nobel da Educação, um objetivo é aquilo que os alunos desejam conscientemente alcançar, e que, por isso, dirige o seu comportamento. Os objetivos podem estar orientados para a aprendizagem. Isto, pelo visto, é o mesmo que procurar desenvolver estratégias, melhorar o trabalho e a aprendizagem, tendo por referência a si próprios. Os exemplos retratavam aqueles alunos que querem aprender, esforçando-se por fazer sempre mais e melhor. Pode ser que um destes dias conheça algum...

Mas, os objetivos também podem estar orientados para a realização, o que significa estar centrado na exibição pública de sucesso por comparação com os demais. Neste caso a ideia geral é muito mais “parecer” do que “ser”. Tudo o que ajudar a melhorar os resultados ou a evitar o fracasso, é bem-vindo, venha de onde e como vier...

Relativamente ao tempo, eles tinham mesmo aprendido a lição. Os objetivos podem ser de longo prazo e devem ser fatiados em objetivos de concretização mais próxima, ou de curto prazo, para que as tarefas tenham sucesso.

Com a tranquilidade que você pode imaginar, naquela mesa que parecia um *shopping* na hora de pico, começaram a surgir exemplos descabelados. Como objetivo de longo prazo,

“terminar o curso” – talvez por motivos óbvios –, foi o mais referido. Embora neste momento, dado meu desempenho escolar, tal me pareça uma miragem, mais do que propriamente um objetivo. Mas enfim, isso são problemas domésticos que a minha dignidade me impede de discutir...

“Eu preciso de estar mais atento nas aulas”, eu disse em voz baixa, tentando mudar um pouco o rumo da conversa. “Cochilar em plena aula, talvez não favoreça muito a concentração”, devolveu-me alguém da ponta da mesa com ironia. Deve ser verdade. Todos me conhecem por “Belo Adormecido”, mas acho injusto. Depois de algumas risadinhas, responderam-me que “estar mais atento nas aulas” não era um objetivo porque não preenchia os requisitos CRAVA. Crava?! perguntei. “Claro!” Responderam em uníssono com a segurança de um relógio suíço. Pelos visto, os objetivos devem respeitar esta regra, sendo: **Concretos, Realistas e AVAliaáveis**.

Neste caso, para “estar mais atento nas aulas” é fundamental assisti-las e participar ativamente. Registrar apenas o mais importante, não tudo o que o professor diz, ajuda a seguir o rumo da aula, e mais tarde a organizar o estudo pessoal.

Os objetivos devem ser desafiadores, mas concretizáveis. “Se quiser ser menos tímido nas relações sociais, talvez uma candidatura à presidência do Grêmio Estudantil não seja o melhor caminho”, disse um deles dirigindo-se à Carla, que respondeu com o enrubescimento das bochechas em vermelho-vivo. Faz sentido, talvez fosse melhor a tal Carla começar pela vice-presidência, não é mesmo Umbigo?

Para ser mais eficaz no estudo, sugeri a professora daqueles gênios educativos com pernas, “em primeiro lugar é importante estar atento nas aulas”. Ainda bem que me avisaram; acho que nunca pensaria nisso sozinho... Mas pensando melhor, talvez o tenham dito porque isto acaba por ser difícil, para não dizer quase impossível...

Nas aulas, como sabes, distraio-me habitualmente com pensamentos que me levam para longe... Às 9h30 da manhã já estou inundado de melancolia e só consigo pensar no meu peixinho. Como será que está no aquário? Terá crescido algum centímetro nesta última hora? Estará enjoado?

Também me esforço por adivinhar detalhadamente o cardápio do restaurante. Que carne terá hoje? E qual será a sobremesa?

Por que abana a cabeça, Umbigo?! É preciso cuidar da saúde. Claro que também me perco com a formosíssima Kátia Vanessa. Sei que devo combater ferozmente os distratores internos e externos, pois como me explicaram aqueles sábios colegas, distratores é tudo aquilo que desvia a minha moribunda atenção das tarefas escolares, mas eu sou definitivamente um homem de paz, o que é que posso fazer?

Você acha que centrar os meus objetivos nesta guerra? Talvez seja importante, sobretudo se é verdade que os objetivos dirigem os meus esforços na direção da tarefa, afastando estrategicamente o que atrasa esta marcha. “Os objetivos têm um enorme poder de motivar um comportamento, por isso é tão importante que sejam concretos, realistas e avaliáveis.” Umbigo, devo estar tão perturbado que já ouço as suas palavras murmurando na minha cabeça atormentada.

Toda esta conversa fez-me pensar nos meus objetivos. Nunca tinha pensado neles assim, nunca os tinha olhado de frente. Que objetivos tenho? O que verdadeiramente guia

minha ação, no meu estudo, na Universidade, nos meus *hobbies*, na prática dos esportes, nas relações com os outros, na minha preguiça...? Se os meus objetivos falassem, o que me diriam?

Concentrar-me nas aulas é difícil, tudo seria muito mais fácil se os temas das aulas fossem mais cativantes; se os professores recorressem a DVD's interativos, desenhos animados mexicanos, até novelas mexicanas... aí sim! Também ajudaria se eu não tivesse que responder a milhares de mensagens naquelas duas horas; se ao menos no intervalo das aulas a Direção Geral oferecesse café, sorvete ou salgadinhos; se eu não me sentasse perto de quem ainda é mais distraído do que eu; se, se, se...

“Por que é que nem sempre estudamos como devemos?” “O que é que se esconde atrás de um não querer?” “Porque é que só estudamos na época das provas?” “Por que um fracasso nem sempre nos imobiliza?” “Porque algumas vezes cerramos os dentes e estudamos como uns desalmados, e em outras enjoamos só com a ideia?” Estas perguntas choveram sem pedir licença encharcando a conversa de emoções, opiniões, teorias e exemplos. Não chegamos a conclusão alguma, nem essa era a ideia; mas, não lembro bem como, surgiu na mesa que o que nos move verdadeiramente a agir, não é tanto o que vemos, o resultado do que fazemos, mas a expectativa; aquilo que acreditamos que pode vir a acontecer. Cunharam também a ideia de crenças de autoeficácia e deram um exemplo: “quando metemos na cabeça que não somos capazes de fazer o que quer que seja, mesmo que todos considerem que podemos conseguir, o fracasso está perto.” A ideia era interessante e foi defendida com garra: “se um corredor em ligeira desvantagem numa prova acreditar que pode virar o resultado, vai se esforçar até o final.” Ainda estava ruminando o exemplo, quando, com um mau gosto imperdoável, alguém aplicou o exemplo ao estudo: “sim, é verdade. Se o aluno acreditar que pode tirar uma boa nota, estuda, se não...” não vale a pena terminar o argumento, porque, como sabes, sou íntimo com este final...

Umbigo, imagina o meu estado de desespero estava tão em alta que até resumi num quadro os passos do planeamento de um objetivo, tal como eles explicaram.

O que fazer?	Como?
Definir o objetivo	Seguir o acrônimo <b>CRAVa (Concreto, Realista, Avaliável)</b> .
Estabelecer um plano	Como vou alcançar este objetivo? Identificar recursos, <b>passos e tarefas intermediárias para o alcança-lo.</b>
Monitorizar o cumprimento do plano	Estou seguindo o previsto? O que faço me aproxima ou me afasta do objetivo? A partir das respostas, <b>listar consequências</b>
Avaliar	Alcancei o objetivo? Sim? Não? Por quê?

Felizmente, por aqui nem tudo gira em torno do estudar. Alguns convites interessantes são publicados nos murais da Universidade: concertos (gratuito). Outros de natureza diversa: para ser voluntário em alguma associação de proteção ambiental; “Sol sim, chuva não, defenda o feriadão! E por ai vai...

Ouçõ sempre que existe tempo para assistir às aulas, estudar, trabalhar, ser voluntário, praticar esportes, conviver e ter boas notas, humm! Ainda não descobri bem como, mas deve ser possível, pelo menos eu quero acreditar que sim...

Os objetivos guiam e motivam os nossos comportamentos, mas não basta, é preciso que a vontade ajude, que a vontade queira. Será que é possível dar corda ao relógio da vontade? Preciso de ajuda, rápido!

Bem, a verdade, verdadeira é que a tirania do “se”, se eu fosse..., se eu tivesse..., se acontecesse..., persegue a minha vida, minando o meu agir.

Sei que tenho um longo caminho a percorrer, ainda bem que estou no 1º. Ano.

Um abraço CRAva (é assim, não é?),

G.



### Algumas sugestões de atividades para a promoção das estratégias de autorregulação da aprendizagem. <sup>1</sup>

Após a leitura da carta do Gervásio ao seu Umbigo:

1. destaque as ideias principais.
2. Estabeleça quatro objetivos para sua vida, sendo: 1 relacionado com aprendizagem e o desempenho acadêmico e os demais relacionados a qualquer outra área de sua vida: prática de esportes, carreira, vida pessoal, dentre outros.
3. Face aos objetivos estabelecidos, procure estabelecer uma prioridade entre eles, numerando-os de 1 a 4, sendo um o de maior prioridade.
4. Para cada objetivo determinado, enumere os possíveis obstáculos e as possíveis maneiras de superá-los.
5. Conversar com a turma sobre o trecho abaixo:

“Se as nossas atividades forem guiadas pelos nossos valores, sentiremos a satisfação que advém de sermos bem sucedidos naquilo que significa muito para nós.” (In Carta do Gervásio “não” publicada).

6. Elaborar uma lista de 5 princípios da “tirania do se” que minam o investimento na tarefa. Discutir os resultados encontrados com os demais alunos.
7. Tópicos para discussão:
  - a) a moral da história do tigre e da tartaruga.
  - b) “Estou farto de saber o que é um objetivo, mas defini-lo, naquela mesa superpovoada de neurónios ávidos, foi difícilimo.”
  - c) “(...) parece que podemos olhar para tudo o que nos acontece com óculos de desafio ou de ameaça. Como resultado, o que finalmente fazemos na vida depende bastante do look escolhido.”

<sup>1</sup> As atividades sugeridas, constam no plano de desenvolvimento das estratégias de autorregulação da aprendizagem do Programa Cartas de Gervásio ao seu Umbigo. Podem ser adaptadas ao contexto de aplicação do Programa, bem como das especificidades das disciplinas. Estão aqui apresentadas, a título de ilustração das diferentes formas de trabalho com as narrativas.

- d) “Sei que devo combater ferozmente os distratores internos e externos, que, como me explicaram aqueles doutos colegas, é tudo aquilo que vindo de dentro ou de fora desvia a minha moribunda atenção das tarefas escolares, mas eu sou definitivamente um homem de paz, o que é que posso fazer?”
- e) “Que objetivos tenho? O que é que verdadeiramente guia o meu agir, no meu estudo, na Universidade, nos meus hobbies, no meu desporto, nas relações com os outros, na minha preguiça...?”
- f) “E se os meus objetivos falassem, o que é que me diriam?”
- g) “Porque é que nem sempre estudamos como devemos?”; “O que é que se esconde atrás de um não querer?” “Porque é que só estudamos na época de exames?”; “Porque é que um fracasso nem sempre nos imobiliza? “Porque é que umas vezes cerramos os dentes e estudamos como uns desalmados, e noutras enjoamos só com a ideia?”
- h) “(...) quando metemos na cabeça que não somos capazes de fazer o que quer que seja, mesmo que todos considerem que podemos conseguir, o fracasso está perto.”
- i) “Dizem-me que há tempo para assistir às aulas, estudar, ser voluntário, fazer desporto, conviver e ter boas notas, humm! Ainda não descobri bem como, mas deve ser possível, pelo menos eu quero acreditar que sim...”
- j) “Preto no branco, os objetivos guiam e empurram os nossos comportamentos, mas não basta, é preciso que a vontade ajude, que a vontade queira. Será que é possível dar corda ao relógio da vontade? Preciso de ajuda, rápido”

Agora que Gervásio não é mais um desconhecido e podemos entender suas desventuras, conversemos um pouco sobre êxito escolar.

### **3.2 Um recorte sobre o êxito na Educação Profissional e tecnológica - EPT**

É certo que os professores almejam que seus alunos tenham sucesso em sua passagem pela escola, alcançando não apenas boas notas, mas que sejam capazes de aplicar o aprendido nas instruções formais aos problemas e aos desafios que vivem fora da sala de aula, assim como, pode-se sugerir, anseiam que os estudos dos diferentes conteúdos contribuam para mudanças qualitativas na interpretação e ação de seus alunos sobre o mundo que os cerca. Contudo, a despeito do consenso dessas concepções educativas entre os docentes, não se pode escapar ao confronto de algumas questões pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem:

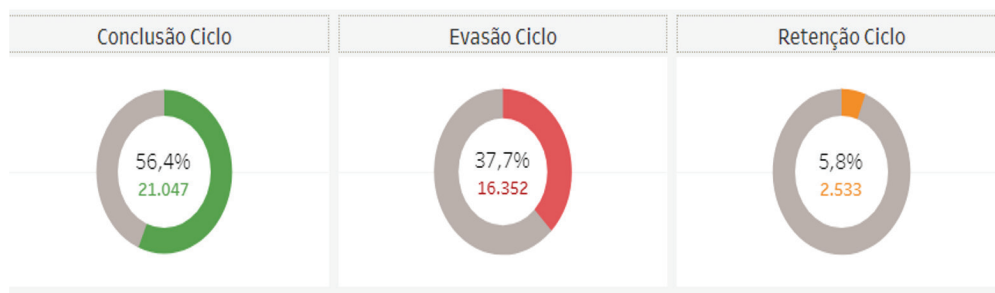
*Por que essas mudanças qualitativas nem sempre acontecem? Para que aconteça, o que é necessário mudar no comportamento do aluno? Nas práticas docentes?*



Embora, submetidos a aplicação de um currículo norteador de informações que pretendem-se suficientes para os alcance dos anseios docentes apontados anteriormente, os estudantes nem sempre modificam a estrutura de seus significados, ou seja, os níveis de complexidade estrutural da compreensão os estudantes da EPT estão abaixo dos pretendidos e com a conseqüente repercussão nos resultados escolares.

Se tomarmos como referência os dados apresentados pela Plataforma Nilo Peçanha (PNP) que traduzem os indicadores de eficácia acadêmica da Rede Federal, pode-se ter um desenho dessa realidade. Para melhor entendê-la, recorre-se ao Gráfico 1 que demonstra os números e percentuais de conclusão, evasão e retenção, até 31/12/17, de um ciclo com 39.932 cursistas, previsto para término em 2016 (carência de 1 ano), dos 1.954 cursos MTI, ofertados em 509 unidades de ensino que compõem a rede. 43,5% dos ingressantes do período em recorte, não concluíram os cursos, engrossando os dados da evasão ou da retenção.

Gráfico 1 – Percentuais de conclusão, evasão e retenção na Rede Federal



Fonte: PNP, 2018

Os índices demonstram o quanto a evasão e a retenção acadêmica na Rede Federal são significativas, contrariando a perspectiva de universalização do acesso à educação e da garantia de permanência, bem como, a fragilidade da rede em relação ao cumprimento das metas acordadas no Termo de Acordos de Metas - TAM (2011-2017), cujo alcance da meta mínima era de 80% de eficácia da Instituição no ano de 2016, com meta intermediária de no mínimo 70% no ano de 2013.

Diante de tantos desafios e contradições, questionamentos não faltam: como promover na EPT uma prática pedagógica que que integra saberes? Que favoreça o papel ativo do estudante em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe a permanência e o êxito escolar? De que processos formativos necessitam os docentes para tal? Seja como for, tais questionamentos não devem gerar apenas tensões, mas oportunidades para a construção de alternativas e de inovações.



Estudiosos do tema, como Soares e Collares (2006), consideram o sucesso escolar como um fenômeno complexo, impactado tanto por fatores intra quanto extraescolares.

Os fatores intraescolares, referem-se à inadequação dos cursos de formação de professores e ineficácia dos métodos e práticas escolares, entre outros. Os fatores extraescolares referem-se às condições socioeconômicas da maioria da população.

São sobre os fatores intraescolares que, de acordo com Veiga Simão (2013), a ação dos educadores incide mais diretamente, uma vez que podem articular estratégias e interlocuções que conduzam ao avanço nas práticas educativas na perspectiva de um ato mais dinâmico, intencional, planejado, e também mais complexo, como é entendido pelos princípios da autorregulação da aprendizagem já apresentado nos ciclos anteriores.

Zimmerman (2000) identifica várias características da aprendizagem do aluno que são vinculadas a uma tendência de autorregular a aprendizagem e à obtenção de melhores resultados. Os estudos do autor evidenciam que a aprendizagem mostra-se a ser mais eficaz quando o aluno tem um papel proativo nesse processo, por exemplo, quando ele se apoia em uma forte motivação e em objetivos precisos para escolher uma estratégia apropriada para sua própria formação. Qualquer aluno, e principalmente aqueles com baixo rendimento escolar, podem beneficiar-se de estratégias autorreguladoras aprendidas em sala de aula, a partir de um contexto de atividade de ensino propício.

No contexto específico da Educação Profissional Tecnológica - EPT, que busca assumir novas formas de atuação, características diferentes do século passado, abrir-se para oportunidades de construção de alternativas e de inovações que permitam o cumprimento dos ideários propostos em seus documentos legais, em cuja concepção de educação, o ensino não se apresenta como processo mecânico e autoritário, mas como um processo no qual os indivíduos possam construir valores que os identifique como sujeitos de sua própria história, e que alcancem sucesso na sua jornada formativa, um grande desafio é posto à prática docente. Para tanto, é preciso reunir, contextualizar, globalizar informações e saberes, assim como superar práticas pedagógicas anteriores, muitas delas, alicerçadas em modelos de segregação.

Por tudo que já foi exposto, permite-se pressupor que a ARA pode ser uma ferramenta importante para os propósitos de sucesso do aluno da EPT.



### 3.3 Implicações no Ensinar e no Aprender

"Ao andar faz-se o caminho, e ao olhar-se para trás vê-se a senda que jamais há de voltar a pisar. Caminhante não há caminho, somente sulcos no mar".

AntônioMachado

#### O que faz um professor enquanto ensina?

Como Nunes (2003), acredito que, ao ensinar, o professor convida alguém a aprender, tomando como referência para a ação um repertório que ele mesmo construiu ao longo de sua formação: conteúdos, ferramentas, materiais, técnicas, referenciais teóricos, enfim, tudo o que faz parte de seus modos de ser, fazer e estar na profissão docente. Mas, também acredito que faz um convite a si mesmo a aprender.

A relação múltipla e delicada entre ensinar e aprender na ação docente caminha no limite de uma dupla tensão: de um lado, o professor questiona, reformula e desenvolve os saberes que legitimam suas práticas educativa e pedagógica; de outro, ele abdica de suas convicções – ainda que parcialmente – com a intenção de abrir novos espaços de saber para si mesmo e facilitar, para o outro, a realização do seu próprio movimento, do reencontro consigo mesmo e com o prazer de aprender.

Aprender sobre si mesmo e sobre o outro; sobre suas necessidades; aprender que está em permanente construção, assim como o mundo que o cerca, portanto, tudo que têm são referências que podem ser alteradas conforme caminha. Aprender que ainda pode continuar aprendendo mesmo depois de tantos anos de exercício da profissão.

Ao escolher a autorregulação da aprendizagem como um caminho para a promoção do êxito do aluno em seu processo de aprendizagem, o professor assume alguns desafios, conforme Boruchovitch, Almeida e Miranda (2017):

O domínio das concepções teóricas que fundamentam o construto da ARA, pois o trabalho educativo envolve no dia-a-dia um processo de desenvolvimento pessoal, no qual os dois pilares da autorregulação – escolha e controle – assumem um papel decisivo.

1



# 2

Ao se estudar a autorregulação da aprendizagem e a utilização de estratégias para a promoção do aprender, é possível estabelecer um processo formativo de duas vertentes: uma na perspectiva de ensinar e outro na do aprender. A primeira, relaciona-se às ações efetivas e intencionalmente organizadas com o intuito de desenvolver as competências da ARA dos estudantes. A segunda, aos empreendimentos do próprio professor, ao refletir sobre sua aprendizagem, ao reconhecer, adaptar e utilizar as diferentes estratégias estudadas em sua própria ação docente.

Assim, o sucesso está em que esses desafios possibilitem a tarefa de aprender, promovendo o saber, o saber fazer, o saber ser e o saber estar, de forma que a EPT desempenhe um papel fundamental na preparação efetiva de aprender ao longo da vida.

Concordo com Veiga Simão (2013) quando afirma que se, o que buscamos é caminhar rumo a algo melhor do que já existe, mas sem chegada, isso também significa que é o exercício de caminhar, de aprender, de tornar o mundo melhor o que importa, aí a escolha do caminho é fundamental. Escolher o(s) caminho(s) a seguir significa reconhecer o valor político, social e epistemológico dos diferentes saberes e fazeres que constituem e legitimam o conhecimento produzido no campo da Educação. Enquanto sujeitos dessa prática social – dinâmica e inacabada –, nos cabe compreender que o tempo avança e nós mudamos, o mundo ganha outros matizes, os alvos variam e o ponto de vista muda de foco.

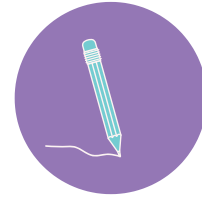
Caminhando para a finalização de nossas conversas, ressalto que o propósito desse colóquio, foi fomentar curiosidade sobre a autorregulação da aprendizagem, abrindo possibilidades de discussões sobre a temática, uma vez que a riqueza reside nessa troca de experiências, no confronto de ideias, nas reflexões que influenciam nossa prática, no ser e no vir a ser.

**Mas, calma! Ainda não é o ponto final.  
Não desista!**



### Fórum de discussão 4: **AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM E A INFUSÃO CURRICULAR, É POSSÍVEL?**

Vimos que uma das formas de promoção das estratégias da autorregulação da aprendizagem é a infusão curricular. Apresente aos seus pares, qual a sua percepção de uma possível promoção da ARA na disciplina que você ministra e o quanto você considera que a autorregulação pode ser um caminho para o êxito dos alunos na EPT.



### Diário de Formação 3: **O QUE AS CARTAS ME DIZEM**

Após a leitura das cartas de Gervásio ao seu Umbigo e análise das sugestões das atividades propostas, na utilização delas como promoção das estratégias de autorregulação, registre no diário suas impressões sobre as narrativas, enfocando:

- Abordagem do ensino das estratégias autorregulatórias trazidas pelas cartas;
- Numa possível infusão curricular em sua disciplina, como planejava utilizá-las?



### Diário de Formação 4: **EU E MEU UMBIGO**

Como você viu nas cartas de Gervásio, ele conversava com o Umbigo sobre sua adaptação na universidade. Estamos finalizando um processo de formação de professores em que tratamos brevemente sobre a temática da autorregulação da aprendizagem como um caminho para que os alunos alcancem o êxito em suas aprendizagens e consequente, o sucesso escolar. Assim, sozinho com seu Umbigo, realize essa reflexão final:

- De que maneira a promoção dos processos autorregulatórios da aprendizagem podem ou não influenciar minha prática docente?
- Que reflexões me são possíveis fazer sobre minha prática docente (os pontos fortes e o que precisa ser mudado/melhorado) e o êxito escolar dos alunos? De onde devo partir para ensinar? Que expectativas tenho sobre meus alunos?



Fechando o ciclo de conversas, os participantes foram convidados a apresentarem suas percepções sobre o curso de formação on-line: Conversas autorregulatórias sobre o ensinar e o aprender na Educação Profissional e Tecnológica, que também é o Produto Educacional desenvolvido no âmbito da pesquisa de mestrado intitulada "Autorregulação da Aprendizagem: um caminho para a permanência e o êxito na Educação Profissional e Tecnológica". Para tanto, o questionário abaixo foi disponibilizado no AVA e as respostas distribuídas em categorias dadas a priori, contribuindo para a validação do mesmo.

## **Questionário: Avaliando a formação**

Finalizando esse ciclo formativo, é de suma importância saber sua percepção sobre esse produto educacional. Por gentileza, manifeste suas impressões registrando suas respostas aos questionamentos abaixo. Essa avaliação tem como finalidade a melhoria de todo o processo.

1. Você considera que os objetivos dessa formação foram atingidos?
2. A formação despertou e manteve seu interesse em aprofundar estudos sobre os temas abordados?
3. O material disponibilizado foi apropriado para os objetivos propostos?
4. O tempo disponibilizado para a formação foi suficiente para atender ao proposto nos roteiros de estudos?
5. As atividades propostas foram suficientes para um entendimento do que é a promoção das estratégias de autorregulação da aprendizagem?
6. Em que medida o uso do diário de bordo mostrou-se adequado para a prática da autorreflexão?
7. Em que medida lhe pareceu adequado o uso do fórum de discussões?
8. A temática abordada na formação, foi significativa para o desenvolvimento de sua prática docente? Que temas lhe despertaram maior interesse ou não?
9. Que contribuições/sugestões você tem a fazer sobre a formação?

Você também pode contribuir com a melhoria deste produto. Responda ao questionário acima e envie as respostas para o contato informado na última página deste material.

## AS VOZES DO CAMINHO III

“

A ARA é um processo de retroalimentação no qual minha prática docente apresenta uma continuidade, onde o passado sempre contribui com o presente, potencializando-a cada vez mais e desse modo, contribuindo de maneira eficaz para o processo ensino-aprendizagem.

”

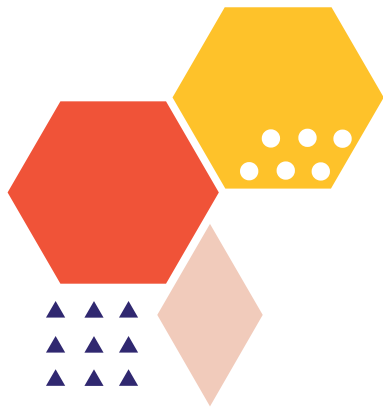
XEXEU

“

As Cartas de Gervásio, as quais não tinha conhecimento, levaram-me às mais diversas reflexões.

”

SANHAÇU



# Considerações finais

## NARRATIVAS DE UMA CAMINHANTE

---

Ao nos aventurarmos pelo caminho da promoção da Autorregulação da Aprendizagem, na Educação Profissional e Tecnológica vislumbrando a permanência e o êxito do aluno, definimos objetivos a partir de questões norteadoras, construímos um Produto Educacional – PE, mas sobretudo, construímos histórias. Histórias paralelas que não são narradas no tecido do texto científico. Nesse caso, a minha história.

As reflexões que pude fazer como formadora e pesquisadora me levaram ao autoconhecimento dos meus distratores internos que busquei ao longo dessa escrita superá-los. Um distrator que não havia me dado conta, até então, que me levou à vivência de situações limites por não enfrentá-lo. Ele chama-se perfeccionismo. Dei-me conta de que todo o tempo do mundo é insuficiente para vencê-lo. Páginas escritas e reescritas. Apagadas ficam cheias outra vez, para logo tornarem-se brancas e assim, não há tempo para nada.

Assim, fiz um plano, tracei metas. Fiz acordos comigo mesma: escreveria sem apagar nada até finalizar 5 páginas. Sem apagar nada. Depois de 5 páginas, poderia revisar, mas de modo que ficasse pelo menos 50% das ideias. Não, não foi fácil, foi desafiador. Consciente, apropriei-me das estratégias autorregulatórias. Produzi, enfim. Estou em reconstrução, mas tenho um caminho.

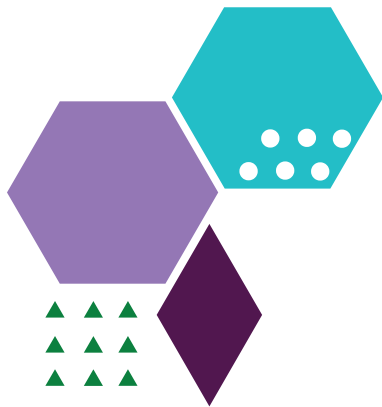
A perspectiva de êxito moveu-nos na direção da Autorregulação da Aprendizagem – ARA. Não é e nunca foi nossa intenção, como este produto, apresentar a receita para o sucesso. O sucesso é uma construção de muitos caminhantes e dá-se no caminhar contínuo e permanente.

Como ações decorrentes da pesquisa, a qual vincula-se o produto, pensamos em algumas possibilidades: i) alargar o eixo de oferta de cursos de formação continuada ou de extensão sobre os processos autorregulatórios da aprendizagem, conforme sugerido na avaliação do Produto Educacional; ii) desenhar uma oferta piloto do constructo da ARA para alunos dos cursos do Ensino Médio Integrado e aos ingressantes nos cursos superiores, afim de posteriormente, definirmos que caminhos a Autorregulação da Aprendizagem pode ter no Instituto Federal do Amazonas como uma estratégia para o êxito na EPT, o que resultaria em novos percursos investigativos.

Pela avaliação feita do Produto Educacional, ele atende aos objetivos propostos, está adequado metodologicamente, em sua estrutura e recursos pedagógicos, despertando nos participantes, interesse pela temática, conforme indicado na categoria: interesse pelo tema, contemplada no questionário avaliativo da formação.

Pela autorregulação da aprendizagem temos um caminho, não a síntese, pois as práticas pedagógicas são, a cada tempo, a expressão do momento e das circunstâncias e sínteses provisórias que se organizam no processo de ensino. Mas pelo que analisamos e sentimos no desenvolvimento da pesquisa, seguimos acreditando que promovê-la, pode levar a Educação Profissional e Tecnológica à construção de um caminho para a permanência, o êxito escolar e uma formação humana integral e integrada.





# Referências

AZZI, Roberta G. **Introdução à Teoria Social Cognitiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BANDURA, A. **Human Agency in Social Cognitive Psychology**. *American Psychologist*, v. 4, n. 4, p. 1175-1184, 1989.

BANDURA, A. **A teoria social cognitiva na perspectiva da agência**. In A. Bandura, R. G. Azzi & S. Polydoro (Orgs.), *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (p.69-95). Porto Alegre: Artmed, 2008.

BORUCHOVITCH, E.; ALMEIDA, L.S. & MIRANDA, L.C. (2017). **Autorregulação da aprendizagem e psicologia positiva: criando contextos educativos e eficazes**. Campinas, Mercado das Letras.

BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: aspectos Introdutórios**. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). *A Motivação do aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 09- 36

FRISON, L. M. B. **Monitoria**: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. *Pro-Posições*, v. 27, n. 1, p. 133-153, jan./abr. 2016.

MACHADO, A. *Poesias Completas*. Madri: Espasa-calpe, 1973.

NUNES, L. R (2003). *Linguagem e Comunicação Alternativa: Uma introdução*. Em L.R. Nunes (Org.), *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais*, p. 1-13. Rio de Janeiro: Dunya.

PAJARES, Frank: Emory U, Educational Studies Dept, Atlanta, GA, US. 2002. **Development of achievement motivation**, p. 15-31. San Diego.

PAJARES, F. **Overview of social Cognitive Theory and of self-efficacy**. 2002. Disponível em: <http://www.emory.edu/education/mfp/eff.html>. Acesso em: 02 de junho de 2017.

POLYDORO, S. A.; AZZI, R. G. **Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva**: introduzindo modelos de intervenção. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v.29, [s.n.], p.75-94, 2009.

ROSÁRIO, Pedro. **Estudar o Estudar**: As (Des)venturas do Testas. Porto, Porto Editora, 2004.

ROSÁRIO, Pedro. **Questionário de Autoeficácia** e instrumentalidade da Autorregulação da Aprendizagem. Versão para investigação. Universidade do Minho, 2009.

ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J. C.; GONZÁLEZ-PIENDA. Eficácia de un programa instruccional para la mejora de procesos y estrategias de aprendizaje en la enseñanza superior. *Psicothema*, v. 19, n. 3, p. 422-427, 2012.

ROSÁRIO, P., NÚÑEZ, J. C. e GONZÁLEZ-PIENDA, J. **Cartas do Gervásio ao seu Umbigo**: comprometer-se com o estudar na educação superior. São Paulo: Almedina, 2017.

ROSÁRIO, Pedro; POLYDORO, SOELY A. J. (Orgs). **Capitanear o aprender**: promoção da autorregulação da aprendizagem no contexto educativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

SCHUNK, D. H.; ERTMER, P. A. **Self-regulation and academic learning**: Self-efficacy enhancing interventions. In: Boekaerts, M.; Pintrich, P. R.; Zeidner, M. (eds.) *Handbook of self-regulation*. Academic Press, pp.631-649, 2000. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=1357690&pid=S1414-6975200900020000500033&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=1357690&pid=S1414-6975200900020000500033&lng=pt). Acesso em: 24 de julho de 2018.

SCHUNK, D. H.; PAJARES, F. **Assessing Self-Efficacy for Self-regulated Learning**. In: ZIMMERMAN, B.; SCHUNK, D. H. *Handbook of self-regulation of learning and performance*. New York; London: Routledge: Taylor; Francis Group, 2011. Cap. 18, p. 282-297. 2011.

SILVA, K. R. X.; SILVA, D. B. da. **Estratégias de autorregulação da aprendizagem no curso de educação física do Uniabeu Centro Universitário**. *Gestão & Sociedade: Revista de Pós-Graduação da Uniabeu*, 2015. V. 4, n.1, p. 56-71.

SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro. *Dados* (online). 2006, vol.49, n.3, p. 615-650.

VEIGA SIMÃO, A.M.; FRISON, L.M. **Autorregulação da aprendizagem**: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Cadernos de Educação*, n.45, p.2-20, 2013.

ZIMMERMAN, B.J., BANDURA, A., MARTINEZ-PONS, M. **Self-motivation for academic achievement**: The role of self-efficacy beliefs and personal goal setting. *American Educational Research Journal*, n. 29, p. 663-676, 1992.

ZIMMERMAN, B. J. Attaining self-regulation: **A social cognitive perspective**. In M Boekaerts, P. R. Pintrich, & M. Zeidner (Eds.), Handbook of self-regulation, p. 1339. San Diego, CA: Academic Press. 2000.

ZIMMERMAN, B. J. **Models of self-regulated learning and academic achievement**. Em B. J. Zimmermann & D. H. Schunk. (Orgs.), Self-regulated learning and academic achievement: Theory, research and practice, p.1-25. New York: Springer-Verlag, 1989.

ZIMMERMAN, B. J.; CLEARY, T. J. **Adolescents development of personal agency**: The role of self-efficacy beliefs and self-regulatory skill". In: Pajares, F.; Urdan, T. Self-efficacy beliefs of adolescents. p. 45-69, 2006.

# SOBRE AS AUTORAS

**Fones:** 3306-0051/52

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A  
DISTÂNCIA.

**E-mail**

[tania.souza@ifam.edu.br](mailto:tania.souza@ifam.edu.br)

**Fone**

3306-0064.

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**E-mail**

[prof.acsouza@gmail.com](mailto:prof.acsouza@gmail.com)



## TÂNIA MIDIAN

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica. Docente dos cursos técnicos e de graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Desenvolve pesquisas na área de formação de professores. Atualmente é Coordenadora Geral da Universidade aberta do Brasil do IFAM.

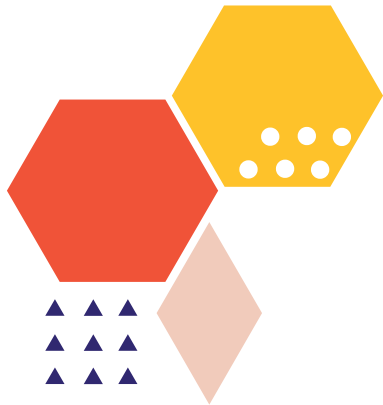


## ANA CLÁUDIA

Dra. em História Social, Atua como docente nos cursos de graduação e de pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Desenvolve pesquisas na área de Educação Profissional, com os temas : História da Ciência e Ensino Profissional. Atualmente, é Diretora Sistêmica de Pós-Graduação do IFAM

Reitoria

Av. Ferreira Pena, nº 1109, Bairro: Centro. CEP: 69025-010 - Manaus - Amazonas.



Acabamento e Impressão Gráfica  
ORANGE MELON



[www2.ifam.edu.br](http://www2.ifam.edu.br)